

## 1 - INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo em constantes transformações. A cada geração novos valores são preconizados, novos paradigmas são idealizados e assim vivemos numa constante busca de respostas às nossas infinitas indagações. E uma delas seria: qual o modelo de escola e educação que irá atender aos anseios e às necessidades dessa sociedade informatizada e globalizada?

Flecha & Tortajada (2000) analisam as mudanças que acontecem atualmente e que marcaram a entrada do novo século e que, segundo eles, foram vistas por alguns como apocalípticas e instauradoras da crise, mas, para eles, crescimento e transformação.

Para esses autores a crise nada mais é que o resultado de uma sociedade que está sendo constantemente pensada, onde “o velho está agonizando ou morto, o novo não acabou de nascer” (GRAMSCI *apud* FLECHA & TORTAJADA:2000).

É nesse contexto social mergulhado num mar de conflitos, crises e dilemas que a escola busca encontrar-se como espaço de formação do ser humano numa perspectiva inovadora, que consiga romper com uma prática secular de se fazer educação e que já não mais atende a realidade sócio-cultural deste novo século.

A velocidade da mudança científica e tecnológica e a enorme quantidade de informação que gera, que é preciso processar, questionam a ênfase que a escola da modernidade dava aos processos de instrução e transmissão. Essa análise precisa ser deslocada para os processos de produção de conhecimento (como aprender) e de reconstrução de conhecimento (reelaboração crítica). (...) “o professor deve ser requalificado como profissional e como

protagonista. Esta requalificação deve incluir a modificação racional da formação docente. (RIGAL, 2000:190-191)

Diante deste quadro sócio cultural, a presente dissertação busca problematizar a discussão acerca da formação dos professores através de questionamentos, pesquisas e hipóteses sobre os dilemas, conflitos e dificuldades encontradas no decorrer desta formação, bem como suas contribuições e entraves para a prática educativa.

Esta dissertação se desenvolve mediante ao seguinte problema:

Quais as mudanças que o Curso de Formação Inicial de Professores tem proporcionado à prática docente destes profissionais e na sua postura enquanto educadores?

A discussão acerca dessa problemática não é recente, e sim, histórica.

Veremos aqui que, no decorrer da história, inúmeras tendências pedagógicas foram surgindo na educação e em cada uma delas os professores ocupava um lugar diferente, condizente com a concepção de educação vista por cada tendência.

A educação sempre foi muito vulnerável a modismos movidos por interesses políticos, econômicos e ideológicos dos que decidem os rumos da educação. E em cada nova tendência, a imagem do professor apresentava-se como uma marionete, um mero executor de conteúdos a mercê dos ditames do sistema vigente.

A temática da formação docente tem ocupado lugar de destaque no tocante à produção acadêmica e aos discursos dos órgãos oficiais, lamentável

é que não usufrui do mesmo destaque no que se refere à melhoria das políticas públicas a ela vinculadas.

Desde 1999, início da minha atividade como docente nos cursos de formação de professores na Universidade Estadual de Montes Claros e em projetos a eles vinculados, senti-me seduzida a pesquisar a influência dos cursos de formação na prática pedagógica dos professores. E assim, o contato em sala de aula, mediante depoimentos, observações, conversas informais entre os alunos e entre mim e eles, contribuiu para que este cenário educativo fosse se transformando num verdadeiro laboratório de análise para o estudo deste tema, o que despertou mais estímulo e curiosidade para pesquisar a prática educativa desses profissionais.

E é nesse laboratório de vivências e conflitos que continuo a ouvir falas que me intrigam e desafiam, impulsionando-me a buscar respostas à minhas indagações:

- Até que ponto a pluralidade de saberes adquiridos nos cursos de formação tem contribuído para a construção e transformação da práxis educativa desses professores?

- Até que ponto o discurso do professor é condizente com sua prática pedagógica?

Diante deste quadro, apresentamos esta dissertação baseada numa pesquisa de campo e nas idéias de grandes autores nacionais e internacionais, dentre eles o Antônio Nóvoa – uma das referências mundiais nos estudos sobre formação de professores.

Nas duas últimas décadas do século XX, a sociedade vem passando por profundas transformações e com ela a escola vem sendo pressionada a

acompanhar tais mudanças para não se perder na obsolescência de seus atos. Já dizia Heráclito (filósofo grego pré-socrático/séc. VI a. C): “No mundo tudo flui, tudo se transforma, pois a essência da vida é a mutabilidade e não a permanência”.

Por conseguinte, como marco deste processo de mudança, vivenciou-se na última década a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN-9394/96) que traz consigo uma gama de inovações e mudanças que vem mexendo com a identidade do professor, desequilibrando-o para que o mesmo repense sua postura enquanto educador.

Esta nova postura vem ao encontro das novas exigências da LDB que no seu artigo 62 define como condição preferencial para o professor atuar na educação básica, a formação superior. E a partir desse artigo tem se concentrado grandes preocupações com a formação dos professores, principalmente os que atuam nas cinco séries iniciais do ensino fundamental, onde a maioria tem apenas o Ensino Médio.

O nosso interesse por esse tema justifica-se pelo envolvimento direto com a formação destes profissionais como docente da UNIPAC (Universidade Presidente Antônio Carlos) e como supervisora em projetos como o Veredas e o de Formação de Professores em Serviço na Unimontes.

Através destas experiências, fomos percebendo a necessidade de um olhar investigativo sobre as necessidades dos professores e demais profissionais e a importância de estarem em constante aperfeiçoamento visto que, atualmente, o conhecimento é produzido numa velocidade muito grande em função das novas tecnologias de comunicação. Esta atualização não pode se restringir a um discurso fluente e impressionável, mas visa garantir uma

práxis reflexiva, transformadora e consciente, pois o domínio da práxis é histórico e inacabado.

Lembre-mos que a docência é uma das mais antigas ocupações modernas, tão antiga quanto a medicina e o direito. Ora, quando a situamos dentro da organização socioeconômica do trabalho, ela representa atualmente um setor nevrálgico sob todos os pontos de vista. (TARDIF & LESSARD, 2005: 21)

Neste sentido, na presente pesquisa nos propusemos analisar a prática pedagógica dos professores - alunos egressos do Curso Normal Superior da Universidade na qual atuou (UNIPAC/Porteirinha-MG), identificando as possíveis mudanças na prática pedagógica do professor e sua capacidade de articulação entre o conhecimento adquirido no curso e sua exeqüibilidade na sala de aula. Portanto, poderemos estar repensando e reestruturando o curso de formação destes profissionais de acordo com suas necessidades.

Esta pesquisa trouxe grande contribuição para a academia e de modo ainda mais significativo para a UNIPAC, *lócus* de desenvolvimento da pesquisa; ressaltando que os primeiros egressos do curso Normal Superior localizado na cidade de Porteirinha/MG receberão um olhar particular que deverá resultar num novo direcionamento do atendimento às necessidades da clientela atual e futura.

A sociedade, por sua vez, também colherá os frutos desse trabalho, haja vista que o foco deste é justamente devolver à sociedade profissionais mais bem preparados e atuantes, oriundos de cursos de formação construídos sobre pilares da ética, da qualidade, da inclusão social e digital, da inovação e da cidadania.

O presente trabalho é também de grande relevância para nossa vida pessoal e profissional uma vez que, segundo Nóvoa (2004), é difícil pensar a profissionalidade dissociada da personalidade e das histórias de vida dos professores, pois a teoria da personalidade é uma teoria da profissionalidade e vice-versa.

Segundo Nóvoa (2004), tem-nos faltado uma teoria da personalidade que nos ajude a compreender as pessoas na sua singularidade e diversidade, contribuindo para o reforço dos professores na sua inteireza, como pessoas e como profissionais. Tem-nos faltado, também, uma teoria da profissionalidade (docente), não no sentido de uma profissionalidade definida a partir de critérios técnicos, mas de uma profissionalidade construída nas dimensões da partilha, do diálogo inter-pares e do trabalho coletivo.

Como recordam Bourdoncle e Mathey-Pierre (1995), o termo "profissionalidade" foi criado a partir do modelo italiano *professionalità*, "caráter profissional de uma atividade", e recobre "capacidades profissionais, saberes, cultura e identidade". Em francês, o termo é próximo a "conjunto de competências em atos" e desenvolve-se no contexto de uma evolução dos ofícios para as profissões. (ALTET, 2003:56)

No conceito de Hameline (1991:38), profissionalidade é "o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor". Segundo ele, a definição exata do conceito de profissionalidade não é fácil e que na visão sociológica, diz-se que é uma *semiprofissão*, em comparação com as profissões liberais clássicas.

Para o autor, o conceito de profissionalidade docente deve ser permanentemente elaborado em função do momento histórico e da realidade social que o conhecimento escolar pretende legitimar.

Antes de ser um profissional, o professor é uma pessoa humana com uma identidade própria. “O professor é uma pessoa e parte importante dessa pessoa é o professor”, (NIAS *apud* NÓVOA, 1995:15), sendo assim, é preciso perceber seus anseios, necessidades, resistências e dificuldades para, a partir daí, criar e recriar novas bases para sua formação.

Afinal, “ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos”. Esta impregnação do trabalho pelo “objeto humano” merece ser problematizada por estar no centro do trabalho docente. (TARDIF & LESSARD, 2005: 31)

Diante deste contexto, Nóvoa (1995) atribui uma relação entre a separação do eu pessoal e o eu profissional e a crise de identidade do professores e seu processo de desprofissionalização. Para ele, “A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. Ele afirma ainda, que a maneira de ensinar do professor está intimamente ligada à sua maneira de ser como pessoa.

“Quando se ensina não se pode deixar sua personalidade no vestiário, nem o espírito no escritório, nem sua afetividade em casa. Pelo contrário, esses fenômenos são elementos intrínsecos ao processo de trabalho.” (TARDIF & LESSARD, 2005: 268)

E assim, diante deste contexto e para melhor compreensão do assunto abordado esta dissertação foi organizada em 5 capítulos.

O capítulo 1 faz um resgate histórico sobre a profissão docente e sua identidade social. Discute também os desafios e dilemas desta profissão.

O capítulo 2 reflete sobre a vivência da pesquisa e da tecnologia nos cursos de formação.

O capítulo 3 descreve o caminho metodológico percorrido no decorrer da realização desta dissertação.

O capítulo 4 contempla os dados trazidos pelos questionários, buscando situar a percepção dos egressos sobre sua formação.

O capítulo 5 apresenta a história de vida dos alunos egressos através de entrevistas, no intuito de relacioná-la com sua identidade profissional que são na realidade indissociáveis.

Finalmente, a conclusão desta investigação apresenta os resultados deste estudo.

Na busca de compreender, com maior rigor a questão colocada, encontramos aporte na literatura internacional e nacional. No cenário internacional, os estudos de Nóvoa (1992), Tardif & Lessard (2005), Huberman (1995), Altet (2003), Imbernòn (2000), Flecha & Tortachada (2000) e etc. No cenário nacional, os trabalhos de Freire (1996), André (2002), Aranha (2002), Ferreira (2002), Ghedin (2002), Pimenta (2002), Veiga (2002) e Romanelli (2001) etc.

# 1- BREVE ESTUDO SOBRE A DOCÊNCIA E SUAS PERSPECTIVAS ATUAIS

## 1.1- O professor e a construção de sua identidade social.

Ferreira, no seu livro intitulado: **Entre o sagrado e o profano - o lugar social do professor** (2002), faz um resgate histórico e social do papel docente. Questiona o que teria acontecido com essa profissão que antes gozara de maior prestígio social e que mudança houve na forma de a sociedade conceber o papel do professor.

O registro do professor foi criado pelo Decreto 19.980 de 18 de abril de 1931, que ficou conhecido como a Reforma Francisco Campos (*idem*, p.28). No entanto, anterior a esse decreto esta profissão poderia ser exercida por pessoas de áreas diversas, sem a necessidade de cumprir qualquer exigência legal.

Mesmo sabendo que a atividade do magistério já existia há muito tempo e que o processo de profissionalização no Brasil tinha começado nos anos 20, somente no ano de 1940, com a assinatura da Carteira Profissional e o registro da profissão no Magistério do Trabalho ( que passa a ser o responsável pela fiscalização do cumprimento dos dispositivos legais que regulam a atividade do magistério) se delineia o perfil e estabelecem-se as exigências para aqueles que desejam exercer a profissão. (FERREIRA, 2002: 29)

Segundo os relatos da pesquisa realizada no período de 1940 a 1990 por Ferreira (*op.cit.*), a figura do professor até um certo período gozava de todo um prestígio social e admiração. Sendo atribuído a este ofício uma missão sagrada, um sacerdócio. Pode-se buscar em tal fato uma possível conseqüência em ter tido como os primeiros professores os padres, tendo

havido assim, uma fusão no papel de ambos, haja vista que por mais de dois séculos (1549 a 1759) a educação no Brasil foi ministrada pelos Jesuítas.

Outras relações com o sagrado na representação acerca do professor se percebia através das arquiteturas dos prédios, nos uniformes das escolas, nos discursos de autoridades e até em manifestações populares como a música. Ser professor era um privilégio, um motivo de orgulho e admiração.

Nesta pesquisa, Ferreira (2002) aponta uma trajetória social do papel do professor que vai do sagrado ao profano, mostrando que a desvalorização da profissão docente passa não apenas pela política salarial, mas pela feminização da atividade e pelo simbólico, o imaginário social, instituído acerca do professor. “(...) A profissão não teria sido desvalorizada pelo fato de ter se tornado uma atividade feminina, mas também, dialeticamente, pelo seu contrário: ter se tornado feminina por estar desvalorizada.” (*ibid.* p.42).

Justamente por seu caráter vocacional, a atividade docente passa a encontrar na imagem feminina a perfeita relação de amor e doação. A “rainha do lar” que iria fazer da escola a extensão da sua família. Lembrando que o magistério era também visto como um sacerdócio, e este implica sacrifício, entrega, missão. “(...) O magistério é um sacerdócio. Daí, somente deveria ser exercido por quem tivesse decidida vocação. Vocação de se esquecer de si mesmo para se dedicar a outrem .” ( Jornal do Brasil, 15/10/1954 citado por FERREIRA,2002)

É importante ressaltar que, na sua origem (jesuítas), o magistério era exercido predominantemente pelo sexo masculino, uma vez que as mulheres eram destinadas aos afazeres do lar. Só mais tarde é que a mulher passa a ocupar, em maioria, este espaço.

Aliás, a educação feminina espera o final do século para começar a despertar algum interesse. A maioria das mulheres no Império vive em situação de dependência e inferioridade, com pequena possibilidade de instrução. Em algumas famílias mais abastadas, às vezes recebem noções de leitura, mas dedicam-se sobretudo às prendas domésticas e à aprendizagem das boas maneiras. (FERREIRA, 2002:155)

Outro fator de desvalorização, segundo Ferreira, poderá ter sido o fato da dessacralização do professor no momento em que o magistério passa a rejeitar o sacrifício como parte de sua identidade.

Mas, o tempo passa... e a perplexidade parece se manifestar quando o próprio professor percebe que a nova condição de profano não garantiu a realização dos seus anseios. Além de não ter atingido o que desejava, perdeu aquilo que já possuía: o prestígio dos sagrados. (2002:130)

Com base na pesquisa realizada por Ferreira, não há como definir o momento exato em que a sociedade modifica suas representações acerca do papel social do professor. Porém, só se percebe que, a partir do momento em que o professor começa a anunciar o magistério como profissão e não mais como vocação, que precisa de um salário digno para viver e que tem seus direitos como todo trabalhador, ele deixa de ser o motivo de inspiração para o poeta, o orgulho para a família e para a sociedade.

E assim, diante da profanização do magistério, o século XXI vem evidenciar suas ambigüidades e seus conflitos. Mas afinal, quem é o professor do século XXI e qual seu olhar sobre sua profissão?

Segundo Nóvoa (1995), os anos 60 foram um período onde os professores foram “ignorados”, os anos 70, uma fase onde os professores foram “esmagados”, sendo acusados de reprodutores das desigualdades

sociais; anos 80, aumentaram o controle dos professores através de práticas de avaliações institucionais.

A realidade nos aponta para um dado bastante preocupante e significativo, o fato de que a maioria dos educadores está insatisfeita com a profissão, principalmente a que atua na educação básica, que não está na carreira do magistério por opção, mas por falta desta. Ou seja, são pessoas sem recursos financeiros para tentar um curso que requer maior preparo, já que a área das Ciências Humanas oferece cursos mais acessíveis e em diversas regiões de difícil acesso. Percebe-se também pessoas que fazem da profissão docente “um bico”, uma simples complementação de renda.

È neste contexto que Nóvoa (1991) questiona as regras de acesso às escolas de formação de professores e de recrutamento dos docentes, que segundo ele e Esteve(1991), são inadequadas: favorecem a entrada de indivíduos que jamais pensaram ser professores e que não se realizam nesta profissão

É preciso contrariar a lógica de uma “passagem pelo ensino”, à espera de encontrar uma coisa melhor. (...) Até porque esta espera, eterniza-se muitas vezes, mantendo no ensino professores a contragosto, que buscam uma identidade (pessoal e social) noutras atividades. (NÓVOA, 1991: 23)

Outrossim, diante desta situação, os professores não assumem sua identidade docente, pois não são professores e sim estão professores, uma situação de passagem. Isto porque, infelizmente, alguns educadores têm vergonha da sua profissão, talvez pela sua desvalorização social e pela forma pejorativa que tem sido encarada nos últimos tempos.

Por isso, Esteve afirma com veemência que:

Se não se promoverem, em termos de salários, os professores que se encontram efetivamente no ensino e se não se melhorar a imagem social, a batalha das reformas dos sistemas de ensino ocidentais será perdida por um exército desmoralizado. É indiscutível a primazia da motivação pessoal sobre a abundância dos meios materiais. (1991: 105)

Constata-se que o professor virou motivo para piadinhas sem graça e frases como: “Não me seqüestre, sou professora”. Programas de TV como a escolinha do professor Raimundo, que ficou conhecido pela frase: “E o salário ó!” Virou também destaque na mídia, mas somente quando se refere a notícias sensacionalistas de maus tratos a alunos ou ações que os remetem ao sagrado: “professor amigo da escola, trabalho gratuito e de doações. Trabalho este que enche os olhos deste sistema neoliberal que vai atribuindo, com muita ideologia e apoio da mídia, as responsabilidades do governo à sociedade civil.

Como se não bastasse, verificamos as imagens estereotipadas do professor em histórias em quadrinhos, em desenhos animados, em peças de teatro, etc. Onde aparece, na maioria das vezes, na figura feminina, de óculos, cabelos presos, olhar grave e aparência desinteressante, sem beleza alguma.

Os professores encontram-se numa encruzilhada: os tempos são para refazer identidades. A adesão a novos valores pode facilitar a redução das margens de ambigüidade que afetam hoje a profissão docente. E contribuir para que os professores voltem a sentir-se bem na sua pele... (NÓVOA, 1991:27)

Afinal segundo Nóvoa,

Os professores constituem um dos mais numerosos grupos profissionais das sociedades contemporâneas. O que, por vezes, dificulta a melhoria do seu estatuto socioeconômico. Toda a gente conhece um ou outro professor que não se investe na profissão, que não possui as competências mínimas, que procura fazer o menos possível. O professor no seu conjunto é penalizado pela existência

destes “casos” que a própria profissão não tem maneira de resolver.  
(NÓVOA , 1991:28)

Através dos exemplos citados, percebemos o quanto o papel profissional do educador não tem sido levado a sério. E hoje algumas aberturas concedidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96) podem ser um dado preocupante no que se refere à construção deste papel. Como exemplo mencionamos os estudos de complementação pedagógica (540 horas) oferecidos aos bacharéis que pretendem lecionar. São também oferecidos cursos de pós-graduação *lato sensu* na área de Pedagogia a pessoas de outras áreas, concedendo a estas, o direito de se tornarem pedagogos, sem terem se graduado em pedagogia. Assiste-se ao aligeiramento das profissões, sacrificando a sua qualidade.

Mediante este quadro sócio-político, percebe-se que o próprio sistema educacional contribui em parte para a crise de identidade da profissão docente e para a sua desqualificação. Falta entre estes profissionais também uma identidade coletiva que daria vez e voz às suas necessidades.

A identidade pessoal é um sistema de múltiplas identidades e encontra a sua riqueza na organização dinâmica dessa diversidade. (MOITA, 1995:115)

“Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações”.(MOITA,1995:115)

O trabalho coletivo é um dos princípios norteadores do Projeto Político Pedagógico da Escola (P.P.P.E), porém, na prática é notório o individualismo dessa categoria. Tal característica vem enfraquecendo a cada dia mais os movimentos sindicais que lutam em prol de conquistas para os profissionais da educação. O próprio educador contribui para a desvalorização da sua

identidade profissional quando assume uma condição de inferioridade diante das outras profissões, diante da sociedade, dos seus alunos e diante de si próprio.

Hoje no cenário educacional usa-se a política salarial como o único argumento para justificar a desvalorização do professor e a crise na educação, mas nota-se que esta é também uma questão histórica e social que passa pela identidade do professor e pelo seu papel na sociedade.

Nóvoa (1995) cita os três AAA que sustentam o processo identitário dos professores: A de Adesão, A de Ação, A de Autoconsciência. A de Adesão, porque o professor precisa aderir a princípios, valores, projetos, etc. A de Ação, que são as maneiras, técnicas e métodos de cada professor trabalhar na sala de aula. A de Autoconsciência, que é a reflexão que o professor faz sobre sua própria ação. “A adesão pela moda é a pior maneira de enfrentar os debates educativos, porque representam uma “fuga para frente” , uma opção perigosa que nos dispensa de tentar compreender.” (idem,17). Para o autor, “a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto,” e sim um lugar de conflitos, um espaço para construir “maneiras de ser e estar na profissão”. (NÓVOA, 1995:16)

Na concepção de Esteve (1991) há indicadores que revelam uma queda na qualidade do ensino. O avanço contínuo das ciências e a necessidade de integrar novos conteúdos impõem uma dinâmica de renovação permanente, em que os professores têm de aceitar mudanças profundas na concepção e no desempenho da sua profissão.

“É preciso evitar o desajustamento e desmoralização do professorado, bem como o crescente mal-estar docente, pois um ensino de qualidade torna-se cada vez mais imprescindível.” (idem,98)

A expressão *mal-estar docente* (*malaise enseignant, teacher burnout*) emprega-se para descrever os efeitos permanentes, de caráter negativo, que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência, devido à mudança social acelerada. (ESTEVE, 1991:98)

Ainda segundo este autor, pode-se conseguir algumas melhorias importantes através dos programas e das técnicas de formação do professorado. Mas não se poderá acabar com o mal-estar dos professores sem que a sociedade reconheça e apóie o seu trabalho em todos os aspectos. A chave do mal-estar docente está na sua desvalorização, evidente no nosso contexto social e nas deficientes condições de trabalho na sala de aula, que o obrigam a uma atuação medíocre, pela qual acaba sempre por ser considerado responsável.

Frente a esta realidade, - convidamo-lo agora a uma breve viagem onde, através das tendências pedagógicas de cada contexto histórico, veremos que a história docente se mistura com as raízes da nossa história, do nosso país. Por isso, comecemos pelas nossas origens educacionais - os jesuítas.

## **1.2 - A formação docente e o seu contexto histórico**

Falar em formação docente no Brasil é remetermo-nos a mais de quinhentos anos de história, visto que não se pode ignorar a existência dos primeiros educadores no Brasil – os jesuítas.

Lembra-nos Nóvoa ( 1991:12):

Inicialmente, a função docente desenvolveu-se de forma subsidiária e não especializada, constituindo uma ocupação secundária de religiosos ou leigos das mais diversas origens. A gênese da profissão de professor tem lugar no seio de algumas congregações religiosas, que transformaram em verdadeiras *congregações docentes*. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, os jesuítas e os oratorianos, por exemplo, foram progressivamente configurando um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas específicos da profissão docente.

É importante destacar que os primeiros professores deixaram como legado uma educação tradicional de cunho memorístico, que estimulava a competição através de prêmios e castigos. Os jesuítas dedicaram-se à formação das elites coloniais, deixando de lado as classes populares na qual implantaram uma educação voltada para a submissão e para a religião de forma passiva e acrítica. Uma concepção autoritária, castradora e punitiva de educar e avaliar. Verifica-se já nesse período que se começa a desenhar o perfil do educador, a princípio um ser humano superior a seus educandos, uma figura que despertava temor, submissão e respeito. A escola tradicional deixa sua marca de educação autoritária e seletiva a partir daí, ficando comprometida a imagem do educador com este modelo de educação.

Pode-se considerar que o ano de 1549, com a chegada dos padres jesuítas, como o início do processo de escolarização formal no território brasileiro. Tem sido a ordem criada em 1534 como uma das estratégias centrais do movimento contra-reformista católico, os jesuítas aqui aportaram com a intenção de salvar as almas para a Igreja e aumentar os domínios do reino português. (FARIA FILHO, 2002: 131)

Porém, segundo Romanelli (2001), com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal em 1759, o sistema educacional brasileiro enfrentou muitas dificuldades, devido à demora na substituição dos educadores e do sistema jesuítico, “transcorrendo um lapso de 13 anos.” (idem,36) Com a saída dos jesuítas, o Estado assumiu, pela primeira vez, os encargos da educação.

Dando seqüência à história, foi no período do Brasil Império que, segundo Aranha (2002), para melhorar a formação de mestres, são fundadas as primeiras escolas normais em Niterói (1835), Bahia (1836), Ceará (1845) e São Paulo (1846). “Sendo Niterói, pioneira na América Latina e, de caráter público, a primeira de todo o continente, já que nos Estados Unidos as que então existiam eram escolas particulares.” (ROMANELLI, 2001:163)

E ainda, segundo Romanelli, as escolas normais experimentaram um desenvolvimento mais acelerado durante o período republicano. Em 1949, eram elas, ao todo, 540, espalhadas por todo o território nacional. (idem: 163)

Partindo da visão de Aranha (2002:155), eram oferecidos apenas dois anos de curso, de nível secundário, atendendo a pouquíssimos alunos. O ensino era formal, distante das questões teóricas, técnicas e metodológicas relacionadas com a atuação profissional do professor, além de funcionar de maneira precária e irregular.

Mas apesar das dificuldades,

As escolas normais representam uma conquista importante do professorado, que não mais deixará de bater pela dignificação e prestígio destes estabelecimentos: maiores exigências de entrada, prolongamento do currículo e melhoria do nível acadêmico são algumas das reivindicações inscritas nas lutas associativas dos séculos XIX e XX. As escolas normais estão na origem de uma verdadeira mutação sociológica do corpo docente: o “velho” mestre-escola é definitivamente substituído pelo “novo” professor de instrução primária. (NÓVOA, 1991:15)

Segundo Aranha, as escolas normais, que no início destinam-se aos rapazes, mais tarde terão uma clientela predominantemente feminina. A primeira escola normal de São Paulo, só 30 anos depois de fundada, passa a oferecer uma seção feminina.

Percebe-se, a partir daí, o processo de feminização da profissão docente. No entanto, a inovação se limitou a tal fato, não atingindo assim o processo ensino-aprendizagem, uma vez que a concepção de ensino continuou voltada para uma visão tradicional, que só vem a ser duramente criticada pelos escolanovistas na década de vinte, quando proclamam o pensamento liberal democrata defendendo a escola pública para todos.

Uma característica que vai marcar a história de educação no Brasil, ao longo do século XIX, será o seu caráter elitista e excludente. Elitista porque estava voltada para a educação de camadas sociais mais altas e excludente porque excluía os escravos, grande parte dos pobres, negros ou brancos, e das mulheres.(FARIA FILHO, 2002:137)

Recorremos a Romanelli (2001) para compreendermos melhor a evolução do sistema educacional brasileiro e como essa refletiu as lutas das camadas dominantes na estrutura do poder. Para isso a autora subdividiu o período em três fases, sendo estas bem distintas. A primeira fase compreende o período que vai de 1930 a 1937. Esta fase é marcada pela atuação do Governo Provisório de Getúlio Vargas e as lutas ideológicas sobre a forma que deveria assumir o regime no campo político. No setor educacional, destacam-se as reformas realizadas por Francisco Campos, paralelamente à luta ideológica entre “pioneiros” e conservadores e o movimento renovador da educação conhecido como o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. A

segunda fase abrange o período correspondente ao Estado Novo e caracteriza-se, portanto, pela instituição do regime totalitário. Na economia é o início da arrancada para a implantação da indústria pesada. A educação é cada vez mais sentida como meio importante para o desenvolvimento, mesmo que de forma inconsciente. Essa fase que vai de 1937 a 1946 foi a decretação das leis orgânicas do Ensino e da criação do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). A terceira fase compreende, por sua vez, o período que vai de 1946, quando foi votada a constituição que restabeleceria o regime democrático, até 1961, quando foi enfim aprovada a Lei 4024, que fixava as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A democracia, o nacionalismo e populismo caracterizaram a vida política nesse período. Quanto à educação, esse período se caracterizou pelo reinício das lutas ideológicas em torno de Lei das Diretrizes e Bases.

Agora aprofundando um pouco mais sobre cada uma dessas fases, retomaremos a década de 20 a 30, quando em 1932 é publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. O documento defende a educação obrigatória, pública, gratuita e laica como um dever do estado e critica o sistema dual de ensino.

“O manifesto trata a educação como um problema social, o que é um avanço para a época, principalmente se nos lembrarmos de que a sociologia aplicada à educação era uma ciência nova.” (ROMANELLI, 2001:149)

Ainda segundo Romanelli (idem,150):

Ao proclamar a educação como um problema social, o manifesto não só estava traçando diretrizes novas para o estudo da educação no

Brasil, mas também estava representando uma tomada de consciência, por parte dos educadores, até então praticamente inexistente.

É importante ressaltar que a escola nova vem propor um rompimento com a tendência tradicional, tirando o professor da sua condição de dono e transmissor do conhecimento para orientador da aprendizagem.

Lembrando também que em 1924 é fundada a Associação Brasileira de Educação (ABE) que realiza diversas conferências nacionais e teve papel importante nas lutas em prol da educação até os anos 50. Contudo, o pensamento pedagógico brasileiro começa a ter autonomia apenas com o desenvolvimento das teorias da escola nova.. Reformas importantes realizadas por intelectuais na década de 20 impulsionaram o debate educacional, superando aos poucos a educação Jesuítica tradicional, conservadora que até então dominava o pensamento pedagógico brasileiro. Porém, essas mudanças e reformas na década de 20 não se limitaram ao cenário educacional, atingiram também o campo das artes, da música, da literatura, enfim da cultura brasileira. Trata-se da “Semana da Arte Moderna”, durante a qual jovens artistas tinham como objetivo despertar a sociedade para um movimento de renovação, rompendo assim com o passado e respirando os novos ares soprados pelo modernismo. Eles pregavam a valorização da identidade nacional em nossa cultura, incorporando nosso folclore, nossos ritmos e nossa maneira de falar.

Entre os modernistas, estavam os escritores Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia e Graça Aranha; as artistas plásticas Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, e o compositor Villa-Lobos. É importante salientar que se os modernistas colheram os louros por terem revolucionado a arte brasileira, antes disso tiveram que escutar muitas críticas e até vaias.

Em 1930, a burguesia urbano-industrial chega ao poder e apresenta um novo projeto educacional. A educação, principalmente a pública passou a ter espaço nas preocupações do poder. O manifesto dos pioneiros da educação nova assinado por 27 educadores em 1932 seria o primeiro grande resultado político e doutrinário de 10 anos de luta da ABE em favor de um Plano Nacional de Educação.

A escola Nova tinha como ideal a formação de um aluno como um ser criativo e participativo, centro do processo ensino-aprendizagem. Onde o papel do professor é auxiliar o desenvolvimento livre e espontâneo do aluno, facilitando o seu processo de aprendizagem, levando em conta e enfatizando seu desenvolvimento psicológico.

Segundo Romanelli (2001), em 1930 Getúlio Vargas fundou o Ministério da educação e Saúde Pública, sendo o ministro o Senhor Francisco Campos. O então ministro criou a chamada Reforma Francisco Campos que efetivou-se através de uma série de decretos. Essa reforma deu uma estrutura orgânica ao ensino Secundário, Comercial e Superior imposta a todo território nacional. Foi criado também o Conselho Nacional de Educação.

Aranha considera que “Apesar do real avanço, algumas críticas podem ser feitas ao total descaso pela educação fundamental. Além disso, a formação de professores não se concretiza de fato”. (2002:201)

Entretanto, na vigência do Estado Novo (1937- 1945), durante a ditadura de Vargas, o ministro Gustavo Capanema empreende outras reformas do ensino, regulamentadas por diversos decretos- leis denominados “Leis Orgânicas do Ensino”. Essas leis foram as responsáveis pela criação do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, SENAC (Serviço Nacional de

Aprendizagem Comercial). A reforma do ensino primário só é regulamentada em 1946 e institui diversas modificações.

Segundo Romanelli (2001), a organização do ensino médio profissional, apesar das reformas, não atendia às necessidades do desenvolvimento econômico do país. A indústria, por sua vez exigia uma formação mínima do operariado o mais rápido possível. Foi então que o governo de Getúlio Vargas em 1942 através da Confederação Nacional das Indústrias criou o SENAI e quatro anos depois criou também o SENAC.

Em 1948, o Ministro Clemente Mariani apresenta o anteprojeto da LDB baseado em um trabalho confiado a educadores sob a orientação de Lourenço Filho. (ARANHA: 204)

Segundo Carmo e Couto (1994), o governo implantado em 1930, embora não tenha deixado de reprimir duramente as manifestações operárias, procurou soluções novas para enfrentá-las. Getúlio Vargas considerava que a concessão de direitos trabalhistas iria reduzir a força dos sindicatos, beneficiando, assim, os próprios empresários. Criou-se assim em 26 de novembro de 1930 o ministério do trabalho.

Além da regulamentação dos sindicatos, Vargas procurou ganhar o apoio das massas trabalhadoras com a decretação de uma série de medidas que lhe valeram o apelido de “pai dos pobres”. Em 1939 foi criado no seu governo a Justiça do trabalho. Em 1940 estabeleceu-se o salário mínimo e em 1943 reuniu todas as leis trabalhistas na consolidação das leis de trabalho (CLT).

“O estilo de Vargas, caracterizado pelo empenho em governar buscando o apoio das massas trabalhadoras urbanas, ficou conhecido como “populismo”

e foi imitado por outros políticos ente 1950 a 1964.” (CARMO E COUTO, 1994:99)

Ainda segundo estas autoras, Vargas estabeleceu um rígido controle sobre os meios de comunicação, proibindo a divulgação de qualquer crítica a seu governo. Também as escolas tornaram-se importante alvo da propaganda de Getúlio. Nas cartilhas e livros didáticos ele era apresentado como o bom pai, que zelava por todos os filhos brasileiros.

Vimos também com bases nos estudos dessas autoras que, em 1950, na sucessão presidencial, Vargas conseguiu voltar ao poder, dessa vez pelo voto popular. Durante seu governo em 1953 houve a criação da Petrobrás como empresa estatal. Um dos problemas que ele não conseguia contornar era o da inflação. Dá fim ao seu mandato com a frase: “saio da vida para entrar na história” que anuncia seu suicídio em agosto de 1954.

Segundo Aranha (2002), no período de 1956 a 1961 o Brasil vive a esperança no desenvolvimento. O lema de Juscelino Kubstchek era: “50 anos em 5”. Aranha também destaca que foi um período fértil na área cultural: o cinema Novo, a Bossa Nova e a conquista da copa de 58. Na educação um fervoroso debate acerca da Lei 4024/61 que leva 13 anos para entrar em vigor. Segundo Aranha a lei só é publicada em 1961 e já se encontra ultrapassada.

As posições tomadas, em face da promulgação da lei, foram as mais variadas, indo desde o otimismo exagerado de algum que a tacharam até de “carta da libertação da educação nacional”, passando pela atitude de reserva de outros, até a do pessimismo extremado dos que bateram contra ela. (...) Uma coisa, porém, é certa: nenhuma lei é capaz, por si só, de operar transformações profundas, por mais avançada que seja, nem tampouco de retardar, também por si só, o ritmo do progresso de uma dada sociedade, por mais retrograda que seja. Sua aplicação depende de uma série de fatores. (ROMANELLI, 2001:179)

Os estudos de Carmo e Couto (1994) mostram que todas as metas de desenvolvimento de Juscelino Kubstichek (JK) culminavam com o plano audacioso de transferir a capital do Brasil, do Rio de Janeiro para o planalto central, “que não passava então de um imenso vazio, isolado das áreas mais desenvolvidas do país.” (idem,111). A cidade foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

Sorridente e elegante, JK contava com a simpatia popular. Porém, em 1959, o seu governo chega ao fim, tendo como saldo um grande índice de crescimento econômico, acompanhado pela alta inflação e pela dívida externa.

No entanto, é importante ressaltar que em meados da década de 50 para 60 destaca-se no cenário educacional a contribuição do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), fundado em 1955 e extinto pelo golpe militar de 64. “O instituto se propõe a tarefa de repensar a cultura brasileira autônoma, não alienada, rompendo a tradição colonial de transplante cultural”. (ARANHA, 2002: 205)

De acordo com Aranha (2002), definir a identidade nacional passa pela abundante produção teórica do ISEB e pela ação dos movimentos de educação popular na primeira metade da década de 60. Os principais movimentos foram: Centros Populares de Cultura, Movimentos de Cultura Popular (liderada por Paulo Freire) e Movimentos de Cultura de Base. Tendo estes movimentos o objetivo de conscientização popular, eram considerados subversivos e assim são desativados e seus líderes punidos pelo governo militar. Exemplo disto é o educador Paulo Freire que, em 1962, em Angicos no Rio Grande do Norte, desenvolvia suas primeiras experiências educacionais, alfabetizando 300

trabalhadores em 45 dias, vê suas atividades interrompidas pela prisão e pelo exílio de 14 anos no Chile, local onde produziu seu livro **Pedagogia do Oprimido**. No seu livro ele diz: “A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor - oprimidos”. (FREIRE apud ARANHA, 2002: 207).

No pensamento pedagógico contemporâneo, Paulo Freire situa-se entre os pedagogos humanistas e críticos que deram uma contribuição decisiva à concepção dialética da educação. Segundo ele “não basta saber ler mecanicamente “Eva viu a uva”. É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho.” (fala de Paulo Freire num simpósio no Irã em 1975)

Em 1969 o decreto-lei número 477 proíbe os professores, alunos e funcionários das escolas de qualquer manifestação de caráter político. Os conflitos são resolvidos pelo expediente do decreto-lei, solução autoritária típica das ditaduras. Nesse período são implantadas as disciplinas de Educação Moral e Cívica, OSPB (Organização Social e Política do Brasil) e no curso superior EPB (Estudos dos Problemas Brasileiros) que transparecem o caráter ideológico e manipulativo dessas disciplinas.

Diante deste quadro político, emerge-se na educação a tendência tecnicista, que vem aplicar na educação o modelo empresarial, que se baseia na “racionalização”, própria do sistema de produção capitalista. A escola nessa tendência visa a modelar o comportamento humano através de técnicas específicas, organizando o processo de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários à integração no sistema social e econômico.

Neste contexto o papel do professor não passa de técnico, um mero executor de programas oficiais aprisionados por uma grade curricular pensada para atender a mão de obra do mercado capitalista de forma disciplinada e produtiva.

Segundo Aranha (2002), para implantar o projeto de educação proposto, o governo militar não revoga a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961 mas introduz alterações. Ao contrário desta, as leis 5.540/68 (Ensino Superior) e 5692/71 (1º e 2º graus) são impostas por militares e tecnocratas, e são financiadas através do acordo MEC-USAID (Ministério da Educação e Cultura e United States Agency For International Development), que fornecem assistência técnica e cooperação financeira para a reforma.

Nenhuma destas leis deu a merecida atenção a formação de professores, ou seja, a situação de descaso se mantinha, deixando os profissionais da educação ainda mais indignados, pois é visível a característica centralizadora e tecnicista da lei 5692 de 1971.

Na década de 70, destaca-se a produção teórica dos crítico-reprodutivistas, que desfazem as ilusões da escola como veículo de democratização; os estudos apresentados por Althusser, que discutem a escola como aparelho ideológico do estado; por Bordieu e Passeron que falam da escola enquanto espaço de reprodução social e por Baudelot e Establet que discutem a dualidade no ensino.

Nesse cenário de desilusão e indignação, em 1978 os professores intensificam a mobilização em diversos estados a fim de repensarem as perdas salariais de índices inéditos, o que agrava a pauperização da profissão.

Essas mobilizações só foram possíveis porque no início da década de 80 o regime militar dava sinais de enfraquecimento, entrando em curso o processo de democratização. A sociedade civil, a classe política, as organizações estudantis se apresentavam de forma mais contundente contra o sistema a fim de recuperarem os espaços perdidos. Exilados políticos anistiados começam a retornar ao Brasil. (ARANHA, 2002). Emerge-se nesse período uma visão progressista de educação onde a escola crítica e libertadora é defendida por grandes educadores, dentre eles Paulo Freire, após retornar do exílio.

E desta forma, a década de 80 foi marcada por um vigoroso movimento sindical envolvendo professores, pois já não havia a restrição ditatorial à sindicalização de funcionários públicos, que agora tinham seus sindicatos filiados a uma Central Única de Trabalhadores (CUT). Eles reivindicavam melhores condições salariais, de trabalho e um plano de carreira.

Segundo Saviani (1995), nesse período houve intensa e extensa produção acadêmica divulgada através de 60 revistas e muitos livros surgidos nesse período, o que possibilitou à educação, a conquista do respeito e o reconhecimento da comunidade representada pela SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior) e várias outras.

A mobilização dos anos 80 orientou-se pela bandeira de transformar a educação e a escola em instrumento de reapropriação do saber por parte dos trabalhadores (SAVIANI, 1995: 57). É importante enfatizar que a partir de então

o grau de ingenuidade e alienação destes trabalhadores já não era compatível com os anos 70.

Após o período da ditadura a situação não só exigia a urgente valorização do magistério como também a recuperação da escola pública.

No final da década de 70, segundo Arruda (2002), um grupo de filósofos e pedagogos iniciam a teoria crítico-social dos conteúdos também chamada de pedagogia histórico-crítica. Os principais representantes são: o iniciador Demerval Saviani, José Carlos Libâneo, Guiomar Namó de Mello, Roberto Jamil Cury e outros. Segundo Saviani, a única possibilidade de as classes populares superarem a marginalização está no esforço de assimilarem os conteúdos até então reservados à elite. Saviani critica a “educação compensatória” sem querer desconsiderar a amplitude dessas carências de várias naturezas, porém, lembra que o projeto da escola tem de ser educativo, sob pena de continuar reproduzindo as diferenças sociais. Prega a apropriação do conhecimento para superação. Esta tendência se insere na tentativa de reverter o quadro de desorganização que torna uma escola excludente, com altos índices de analfabetismo, evasão e repetência. Seu iniciador Demerval Saviani alimentou um debate fervoroso entre a corrente conservadora e progressista, tendo algumas dissonâncias com as idéias de Paulo Freire.

A escola Crítico-social dos conteúdos faz parte da tendência progressista, onde as escolas devem ser de boa qualidade para todos. Onde a relação professor e aluno é horizontal, onde o aluno é uma pessoa concreta, objetiva, que determina e é determinada pelo social, político, econômico, individual, ou seja, pela história.

A título de síntese poderíamos dizer que o pensamento pedagógico brasileiro tem sido definido por duas tendências gerais: liberal e a progressista.

O pensamento liberal representava um conjunto de idéias político-sociais e econômicas que visam manter a classe social dominante. Renova o método mas não entra na crítica do sistema. Restringem o papel da escola ao estritamente pedagógico.

O pensamento progressista parte de uma análise crítica das realidades sociais e sustenta implicitamente as finalidades sócio-políticas da educação. Defende o envolvimento da escola na formação de um cidadão crítico e participante da mudança social.

Seguindo a linha de tempo da história, veremos que na década de 80 o Brasil vive um momento marcante. O grito de liberdade ecoa-se através da luta pelas “diretas Já”, quando o Brasil vive seu processo de redemocratização. Como resultado deste processo, em 1988 é aprovada a constituição federal, que dentre outras coisas, destaca a valorização dos profissionais do ensino com planos de carreira para o magistério público, o que até hoje não foi concretizado.

Em março de 1990, na Conferência de Educação para Todos em Jomtien na Tailândia, foi aprovada a declaração Mundial de educação para todos, que estabelece as diretrizes para os planos decenais de educação.

Em 1996 é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sendo esta alvo de muitas críticas e debates. Dentre os professores, critica-se, por exemplo, a presteza na aplicabilidade de artigos que não seriam tão urgentes na lista de prioridades, como é o caso do artigo 24 inciso I (que aumenta para 200 o número de dias letivos) e ignorando outros que parecem

esquecidos e relegados a um segundo plano como é o caso do artigo 67 que trata da formação docente:

Art. 67- Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

- I. ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;
- II. aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;
- III. piso salarial profissional;
- IV. progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;
- V. período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;
- VI. condições adequadas de trabalho.

Como se pode ver, em nível de legislação tivemos um grande avanço, precisa apenas que esta seja colocada em prática e isso depende dos governantes para a concretização de políticas públicas sérias e comprometidas com a educação de qualidade.

Então pergunta-se: quando os profissionais da educação passarão a ser prioridades nas políticas públicas do governo? Afinal de que adiantou aumentar a carga horária de aula dos alunos sem garantir a qualidade do trabalho docente?

E assim, em pleno século XXI, é perceptível que as leis mudaram mas que a realidade nem tanto, visto que, o problema é justamente a inaplicabilidade destas e não as leis em si.

Através desta breve linha de tempo é possível perceber através de diversos fatos que marcaram nossa história o papel social do professor e a indiferença dos órgãos oficiais no que se refere à sua formação e valorização.

A afirmação profissional dos professores é um percurso repleto de lutas e conflitos, de hesitação e de recuos. O campo educativo está ocupado por inúmeros atores ( Estado, Igreja, famílias, etc.) que sentem a consolidação do corpo docente como uma ameaça aos seus interesses e projetos. Por outro lado, o movimento associativo docente tem uma história de poucos consensos e de muitas divisões (...). A compreensão do processo de profissionalização exige, portanto, um olhar atento às tensões que o atravessam. (NÓVOA, 1991:18)

Não se pode ignorar as conquistas da década de 80 e 90, no entanto, em pleno século XXI, os profissionais da educação parecem desacreditados e desesperançosos. As forças neoliberais com o discurso do “estado mínimo” ou “estado necessário” conseguem se eximir das suas responsabilidades sociais e educacionais, que por sua vez são delegadas à sociedade, a qual o discurso ideológico consegue cegar e manipular com a contribuição dos meios de comunicação, principalmente da televisão.

Diante deste quadro caótico, muitos são os desafios e dilemas que o professor do século XXI precisa superar.

### **1.3 - Os desafios e dilemas da profissão docente**

Diante do quadro teórico apresentado, onde foi reconstruindo a história docente, pergunta-se: Como ser professor nos dias de hoje? É uma pergunta

que não se cala, tendo em vista que é uma angústia que perturba a mente e o coração de quem assume com responsabilidade o compromisso de ensinar.

Michael Huberman (1995) faz um estudo sobre o ciclo de vida profissional dos professores em que analisa as fases ou estágios do ensino. Segundo ele, tudo começa com a “entrada na carreira” onde acontece o “choque do real”, onde aparecem as dificuldades para lidar com a realidade. Vai do primeiro ao terceiro ano de carreira aproximadamente. Depois vem a fase da “estabilização, (4º ao 6º ano) que é a consolidação do seu repertório pedagógico.

Em seguida a fase da “diversificação”, (7º ao 25º ano) onde o professor procura buscar novos estímulos, novas idéias. Compromete –se com os projetos e as mudanças.

Passa-se então para a fase da “serenidade e distanciamento afetivo” (25º ao 35 ano) na qual o professor desenvolve seu trabalho de uma forma mais mecânica e investe menos no seu trabalho. Afasta-se dos alunos devido o distanciamento das gerações e suas subculturas, o que torna o diálogo mais difícil. Desta fase os professores partem para a fase do “conservantismo e lamentações” que corresponde a uma certa marginalidade em relação às mudanças e acontecimentos que envolvem a escola.

E por último a fase do “desinvestimento” (35º ao 40º ano) que pode ser sereno ou amargo. Nesta fase as pessoas passam a investir mais em si próprias, na sua vida social e em reflexões pessoais.

Lampert (1985), no entender de Amorim (2002), vê o professor como um gestor de dilemas e assinala que os dilemas surgem quando os professores

têm de optar entre diferentes tipos de prática, todas desejáveis mas em conflitos umas com as outras.

Dilema é todo conjunto de situações bipolares ou multipolares que se apresentam ao professor no desenrolar de sua atividade profissional. (ZABALZA apud AMORIM, 2002:15).

Estes dilemas acentuam-se diante do modelo neoliberal excludente, onde o desemprego, a violência, a fome assombram a cada dia nossa sociedade, onde a escola vê-se diante de uma grande responsabilidade social em que o papel do professor é preponderante.

A cada dia mudanças e mais mudanças são implantadas na educação na sociedade chamada pós-moderna, influenciando nas novas perspectivas educacionais ou no campo da educação. Cobranças cada vez maiores pesam sobre o educador, pois a cada dia infinitas exigências e deveres vão aumentando devido aos problemas sociais e familiares que são transferidos às escolas cabendo a elas resolvê-los. Porém, é salutar a advertência que Santos (2002:173) nos faz: “A educação sozinha não pode assumir a solução dos problemas sociais”. Os problemas sociais e os problemas educacionais tornaram-se indissociáveis e com isso, somatizam-se os conflitos e os obstáculos, dificultando ao professor desempenhar seu papel de educador, capaz de ensinar de forma que seu aluno realmente aprenda. “O docente só poderá realmente assumir sua identidade quando seu papel, suas funções estiverem bem definidos.” (SANTOS, 2002:173)

A passagem de uma sistema de ensino de elite para um sistema de ensino de massas implica um aumento quantitativo de professores e alunos, mas também o aparecimento de novos problemas qualitativos, que exigem uma reflexão profunda. Ensinar hoje é diferente do que era há vinte anos. Fundamentalmente, porque não

tem a mesma dificuldade trabalhar com um grupo de crianças homogeneizadas pela seleção ou enquadrar a cem por cento as crianças de um país, com os cem por cento de problemas sociais que essas crianças levam consigo. Daí o desencanto que atinge muitos professores, que não souberam redefinir o seu papel perante esta nova situação. (ESTEVES, 1991:96)

Diante desse contexto, o autor faz a seguinte analogia:

A situação dos professores perante a mudança social é comparável à de um grupo de atores, vestido com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. (ESTEVE,1991: 97)

Isto porque, ainda na visão do autor, há um processo histórico de aumento das exigências que se fazem ao professorado, pedindo-lhe que assuma um número cada vez maior de responsabilidades. No momento atual, professor não pode afirmar que a sua tarefa se reduz apenas ao domínio cognitivo. Para além de saber a matéria que leciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo, amigo e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual, etc.; a tudo isto pode somar-se a atenção dos alunos especiais integrados na turma. Entretanto, apesar de se exigir que os professores cumpram todas estas novas tarefas, é interessante observar que não houve mudanças significativas na formação dos professores.

Na Visão de Esteves (*ibidem*), no antigo sistema de ensino “a qualidade estava assegurada, devido a um processo sistemático de seleção dos alunos”. (1991:121) Ou seja, devido a esse rigoroso processo de seleção cem por cento das crianças com dificuldades, agressivas e problemáticas ficavam longe da escola, porém com a democratização do ensino, houve a integração dessas

crianças ao ambiente escolar e, com elas, os problemas sociais advindos de suas realidades. Problemas estes que se converteram em problemas escolares.

Diante dessa situação, cabe frisar que temos de modificar o nosso sistema de ensino para que tenha flexibilidade suficiente para se ocupar dessas crianças e dos seus problemas reais, com um certo nível de qualidade. Lembrando que, pelas deficiências com que já chegam à escola, requerem uma atenção muito especial. (ESTEVE:1991)

Todavia, observa-se no cenário educacional, que o professor tornou-se o único responsável pelas mazelas e fracassos dos projetos educacionais. Sendo visto como o grande nó, que se desatado, resolver-se-á todos os problemas da educação. Desconsidera-se nesse contexto todos os problemas de aprendizagem e as condições nas quais ela acontece. Restringe o foco do problema somente no processo de ensino, desconsiderando também, todas as condições nas quais este opera.

“Se tudo corre bem, os pais pensam que os filhos são bons estudantes. se as coisas correm mal, pensam que os professores são maus profissionais.” (ESTEVE, 1991:105)

Nóvoa, no II Seminário Internacional de Educação realizado em abril de 2004 em Belo Horizonte, aborda uma questão extremamente importante que é ignorada pelos órgãos oficiais que “ditam” as leis, resoluções e pareceres na educação: “Há alunos que estão na escola, mas não tem intenção de aprender, não tem motivação.”

Este fato é algo muito preocupante pois, ninguém consegue ensinar alguém que se nega a aprender. Primeiro, o educando precisa desejar aprender; caso contrário, não existe método que conseguirá ensiná-lo. Esta resistência é reflexo dos problemas familiares, econômicos e sociais que afetam de tal forma o educando, que o desmotiva totalmente a aprender, o que não significa que ele não seja capaz. Ele simplesmente precisa de um incentivo para despertar o motivo para aprender. Aí está o grande problema: o professor se encontra sem esta mesma motivação para ensinar.

Nóvoa disse nesse mesmo encontro que o professor não pode abdicar de ensinar para que o aluno não abdique de aprender. Disse ainda que “É para os alunos que não querem aprender que nossa pedagogia deveria servir para alguma coisa. É para estes alunos que precisamos formar professores com capacidade de ensinar.”

Infelizmente, somam-se a este quadro a desvalorização deste profissional e com isso sua baixa auto-estima resultante de uma somatória de pressões adversas como: baixos salários, acúmulo de trabalho e um plano de carreira que reluta em sair do papel.

Diante dessa multiplicidade de fatores somados aos mais diversos aspectos que envolvem os profissionais da educação, Hameline (1991,40/41) cita Hoyle (1987) para descrever seis fatores que determinam o prestígio relativo da profissão docente, comparativamente a outras:

- 1- a origem social do grupo, que provém das classes média e baixa.
- 2- O tamanho do grupo profissional que, por ser numeroso, dificulta a melhoria substancial do salário.

- 3- A proporção de mulheres, manifestação de uma seleção indireta, na medida em que as mulheres são um grupo socialmente discriminado.
- 4- A qualificação acadêmica de acesso, que é de nível médio para os professores dos ensinos infantil e primário.
- 5- O status dos clientes
- 6- A relação com os clientes que não é voluntária, mas sim baseada na obrigatoriedade do consumo do ensino.

Após frisarmos o quão está em baixa o prestígio dos profissionais da educação e a complexidade do ato de educar, analisamos que, se ao invés de políticas públicas que investem em projetos que priorizam somente a avaliação como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Provão (substituído em 2005 pelo SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), o Sistema Educacional Brasileiro voltasse também suas ações para a valorização do profissional da educação e para as suas condições de trabalho, especialmente as salariais, com certeza a partir daí poder-se-ia traçar novas metas educacionais, haja vista que só a avaliação externa não inovará o cenário educacional.

Segundo pesquisa realizada por Gonçalves (1995:161), sobre formação inicial, 77,6 % das 34 professoras, que se pronunciaram sobre esta formação, consideraram-na como “desajustada” por duas razões: ser insuficiente (36,9 % das respostas) e não preparar para o contato com os alunos (26,3 %).

Desta forma, e quanto a formação inicial, deverá a mesma ser repensada, no sentido de que o futuro professor construa uma relação dialética com o meio, que, inegavelmente, condiciona o fluir

da sua carreira, no sentido de que um processo de equilibração se estabeleça entre ambos; deverá, ainda, preparar e facultar uma maior aproximação dos professores às crianças, numa articulação harmoniosa entre o saber e o saber-fazer, e como ponto para um autêntico saber ser. (GONÇALVES,1995: 168)

Nesta mesma pesquisa, o autor pesquisou também sobre a importância da formação contínua e constatou que 92,9% dos professores têm consciência da sua necessidade.(idem, 1995)

E por último pesquisou sobre a motivação para a carreira, cujos estudos demonstraram que 62,8% afirmaram ter entrado na profissão por vocação e 37,3% sem vocação. Nessa pesquisa três das respondentes afirmaram que a condição do bom profissional independe da vocação, podendo a prática docente vir a tornar-se motivadora. (idem: 1995)

É evidente que encher as escolas de crianças, sem oferecer condições dignas de ensino e aprendizagem é um exemplo vivo de uma prática contraditória de inclusão, que mais exclui do que inclui, já que não garantindo a qualidade, não garantirá a permanência nem o sucesso dessas crianças na escola. A qualidade da aprendizagem é uma consequência do trabalho realizado pelo educador, sendo assim, a valorização deste profissional é o caminho para atingir este objetivo maior da educação que é promover a aprendizagem do aluno.

Todavia, continuamos a vivenciar um quadro caótico, onde evidencia-se a desvalorização desse profissional que persevera em manifestações com vozes cada vez mais longínquas, cansadas e fracas clamando por condições dignas de trabalho.

Segundo Gonçalves (2002), a luta pela profissionalização do professor se dá em meio a uma crise de profissões. Esta se expressa por meio da perda da credibilidade do próprio conhecimento profissional, do questionamento pertinente às agências formadoras, da impossibilidade de consenso relativo à multiplicidade dos valores éticos profissionais e da desconfiança do público em relação aos profissionais.

Para Tardif & Lessard (2005), embora os professores critiquem o sistema, ficam sempre na defensiva e preferem trancafiar-se na classe ao invés de entrar na luta aberta propondo soluções novas aos problemas desta escola que eles ocupam, uma posição estrategicamente importante.

“A unesco (1998) aponta que existem cerca de 60 milhões de professores no mundo trabalhando em condições muito diferentes segundo os países e as culturas.” (idem, 21)

A formação de professores é, sem dúvida, uma necessidade e uma prioridade, tanto que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96) no seu artigo 62 cita:

A formação de docentes para atuar na educação Básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Porém a necessidade de mudança deve ser algo que venha de dentro para fora. O incentivo externo, como no caso a lei, é importante, pois muitas vezes o incentivo faz brotar o motivo que se encontra adormecido em cada um. O que se questiona, e é deveras preocupante, é o compromisso do educador

com sua formação. Pois, segundo Nóvoa (2001), “ninguém forma ninguém” e “toda formação é uma autoformação”.

A Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais nas últimas décadas tem desenvolvido projetos de formação inicial de professores, como por exemplo o Projeto Veredas e projetos de formação continuada como: SIAPE e TV Escola. É um material de excelente qualidade, mas o critério que irá definir a qualidade dos profissionais egressos deste projeto é o compromisso assumido por cada um diante da sua escolha.,

É preocupante ouvir relatos de professores que assumem a sua descrença e desprazer no que fazem e que encaram sua formação apenas como um instrumento que viabilizará melhores salários. Muitas vezes, visam somente aos benefícios para a aposentadoria ou ainda somente como cumprimento de uma lei. Nesse caso, a sua formação limita-se apenas a um diploma que nada representará para sua prática pedagógica.

É comum ver professores prepararem aulas criativas para esperar a visita do seu supervisor de estágio, fugindo à rotina enfadonha e monótona de suas aulas comuns. E o mais decepcionante é o profissional não ter a consciência que está enganando a si próprio nessa sua pseudoformação.

Diante disso, percebe-se que o desencanto com o trabalho docente é uma consequência da sua desvalorização em todos os aspectos, principalmente no que se refere às questões salariais que, sem dúvida, vem afetando o compromisso dos professores com a sua formação.

Como encantar os alunos se eles estão desencantados e sem esperança? Não que se deva medir a qualidade do seu trabalho pelo seu salário. Mas sem dúvida, não se pode ignorar as condições nas quais este se

desenvolve. “O importante aqui é compreender que as pessoas não são um meio ou uma finalidade do trabalho, mas a “matéria-prima” do processo do trabalho interativo e o desafio primeiro das atividades dos trabalhadores” (TARDIF & LESSARD,2005:20).

Como falar em formação, em crescimento profissional sem falar em condições estruturais para que ele cresça? Se o professor é o profissional essencial no processo ensino-aprendizagem, é preciso que a sociedade e o governo reconheçam a importância deste profissional. Pois, “não basta mudar o profissional é preciso mudar também os contextos em que ele intervém”. (NÓVOA, 1992)

Nóvoa (2001) retrata a importância do espaço escolar na formação do professor, pois é onde acontece a verdadeira formação. Todavia, adverte que nada vai mudar se não forem asseguradas condições materiais, salariais e de infra-estrutura para que esse profissional possa desenvolver com mais qualidade e dignidade seu ofício de educador. “O debate sobre a formação é indissociável das políticas de melhoria das escolas e de definição de uma carreira docente digna e prestigiada”. (NÓVOA, 2001)

Diante deste quadro, constata-se que mudar é preciso. E é inquestionável que a sociedade de hoje necessita de uma escola que acompanhe sua evolução social, tecnológica e cultural e que o professor precisa repensar a sua prática educativa devido à pluralidade de saberes e valores que permeiam as mentes de seus alunos.

É indispensável que se repense afinal os cursos de formação de professores. Como têm sido preparados estes profissionais? Até que ponto a tão debatida relação teoria/prática tem se efetivado na formação desses

educadores? Tem-se considerado os anseios e dificuldades destes profissionais, buscando uma práxis realmente reflexiva e transformadora?

No que se refere à teoria e prática, são processos indissociáveis. Lembra-nos Ghedin: “Separá-los é arriscar a perda da própria possibilidade de reflexão e compreensão. A separação de teoria e prática se constitui na negação da identidade humana” (2002:133).

“Professor se forma na escola”, lembra-nos Nóvoa (2001) . Se cada professor buscar fazer de sua prática seu laboratório pessoal, onde a cada dia busca experimentar novas idéias, já será o primeiro passo para a sua formação.

Segundo Peres (2002), tudo aquilo que se considera necessário para uma pessoa saber e as habilidades que precisa adquirir para ser professor constituem os chamados saberes docentes. E vários pesquisadores vêm tratando das questões relativas a esses saberes. Alguns professores-pesquisadores canadenses têm-se destacado na pesquisa nesse campo. Entre eles, podemos citar Maurice Tardif, Claude Lessard, Louise Lahaye (1991) e Clermont Gauthier (1998). Eles afirmam que vários saberes são mobilizados pelo professor no processo de ensino. Clermont Gauthier (1998) concebe o ensino como a “mobilização de vários saberes que formam uma espécie de reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências específicas de sua situação concreta de ensino” (GAUTHIER apud PERES, 2002:187/188). O autor quer dizer que não existe um saber docente, mas um conjunto de saberes. Ele caracteriza o saber docente como “um saber plural.”

Muitos docentes constroem referências sobre como ser professor (ou como não ser!) com base em modelos de docência que tiveram ao longo de

suas vidas escolares. Os professores também ensinam conforme os modelos de ensino que têm internalizados.

“O saber é um constructo social produzido pela racionalidade concreta dos atores, por suas deliberações, racionalizações e motivações que constituem a fonte de seus julgamentos, escolhas e decisões” (TARDIF, 2002: 223).

Segundo Tardif (2002), pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado de saberes oriundos da formação profissional, de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

Os saberes da formação profissional são o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores ( escolas normais ou faculdades de ciências da educação). Os saberes disciplinares são os diversos campos do conhecimento, os saberes de que dispõe a nossa sociedade. Os saberes curriculares são os que correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a escola define seus saberes sociais como modelo de cultura erudita. Os saberes experienciais são baseados no trabalho cotidiano dos professores, ou sejam, brotam da experiência vivida.

Segundo Tardif (2002), os professores ocupam uma posição estratégica, porém socialmente desvalorizada, entre os diferentes grupos que atuam no campo dos saberes. Isto porque estes saberes são produzidos, controlados e legitimados por outrem.

Pessoalmente, não vejo como posso ser um sujeito do conhecimento se não sou, ao mesmo tempo, o autor da minha própria ação e o autor do meu próprio discurso. A desvalorização dos saberes dos professores pelas autoridades educacionais, escolares e

universitárias não é um problema epistemológico ou cognitivo, mas político. Historicamente, os professores foram, durante muito tempo, associados a um corpo eclesial que agia com base nas virtudes da obediência e da vocação. No século XX, eles se tornaram um corpo estatal e tiveram que se submeter e se colocar a serviço das missões que lhes eram confiadas pela autoridade pública e estatal. Portanto, seja com corpo eclesial ou como corpo estatal, os professores sempre estiveram subordinados a organizações e a poderes maiores e mais fortes que eles, que os associavam a executores. (TARDIF, 2002:243)

No entanto, ainda segundo o autor, para que os professores sejam sujeitos do conhecimento, precisão de tempo e espaço para desenvolver sua autonomia e serem sujeitos de suas ações.

Segundo Tardif (2002), os fundamentos do ensino são a um só tempo, existenciais, sociais e pragmáticos. São existenciais, porque surgem partir de sua história de vida não somente intelectual, mas também emocional, afetiva, pessoal e interpessoal. São sociais, porque provém de fontes sociais diversas em tempos sociais diferentes e produzidos e legitimados por grupos sociais. São pragmáticos, porque são saberes práticos ligados ao labor. Saberes sobre o trabalho, ligados às funções dos professores.

Ainda segundo o autor, a concepção do saber profissional está ligada à identidade dos profissionais. Para Tardif, atualmente, pode-se dizer que as reformas da formação e da profissão oscilam entre três modelos da identidade dos professores: o modelo do “tecnólogo” do ensino, do prático “reflexivo” e do “ator social”. O tecnólogo do ensino “parece ser a figura dominante dentro das reformas norte-americanas.” (Idem,302). Destaca-se por possuir competências de perito no planejamento do ensino, seus conhecimentos provêm da pesquisa científica. O prático reflexivo está muito mais associado à imagem do professor experiente do que à do perito. O prático reflexivo é o profissional capaz de lidar com situações indeterminadas e de negociar com elas criando

soluções novas. Enquanto ator social o professor desempenha o papel de agente de mudanças, tanto o espaço social quanto no espaço escolar.

No entanto, o autor ressalta que os professores só serão reconhecidos socialmente como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando houver uma integração do pré escolar à universidade e quando começarem a reconhecerem uns aos outros como pessoas competentes, “pares iguais que podem aprender uns com os outros.” (idem,244). Isto porque segundo Tardif, os professores vivem num embate contra si mesmo. Os professores do secundário criticam os do primário e estes criticam os professores universitários, ou seja, ao invés, de juntarem esforços, desgastam-se em críticas que não os conduzem a lugar nenhum, mas apenas os impedem de construir grandes aprendizados.

Outro aspecto importante enfatizado por Tardif (2002) quanto aos saberes docentes é que “é preciso, portanto, que a pesquisa universitária se apóie nos saberes dos professores a fim de compor um repertório de conhecimentos para a formação de professores. (idem, 258) e ainda que “o objeto do trabalho do docente são seres humanos e, por conseguinte, os saberes dos professores carregam as marcas do ser humano. (idem, 266)

Porém esta mudança não se esgota aí, é preciso alimentar no professor a vontade de estar construindo algo novo, de estar buscando, crescendo como pessoa e como profissional. Um dos caminhos é valorizá-lo e investir efetivamente e sem demagogia na sua formação.

O INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) mostra através das estatísticas dos professores no Brasil, concluída em outubro de 2003, que um aspecto que mostra o desprestígio da licenciatura

é que a procura por estes cursos é bem menos acirrada, quando comparada a outras áreas. Assim, considerando apenas o ensino público, enquanto a demanda para cursos de licenciatura é de 5 candidatos por vagas, para cursos de economia é de 6, de administração = 11, direito= 18 e medicina= 41 candidatos por vaga.

Porém, um dado positivo segundo o INEP, foi o aumento do número de cursos de graduação, que oferecem licenciatura, que passaram de 2.512 em 1991 para 5.880 em 2002, com grande participação na rede pública, que concentra 3.116 cursos. Outra boa notícia é que, segundo esta mesma pesquisa, o nível de qualificação dos docentes tem melhorado muito nos últimos anos. Embora o ensino médio seja o nível de ensino que detém os professores com melhor escolaridade, cabe salientar, segundo o INEP, que 21% deles ainda não têm a formação exigida pela legislação e 15%, embora tenham curso superior, não são licenciados.

Quanto à formação continuada dos professores, ampla maioria dos profissionais avaliados no SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) alegou ter participado de alguma atividade de formação continuada nos últimos dois anos. No entanto os dados da pesquisa mostram que estes cursos têm apresentado pouco impacto no desempenho dos alunos, o que mostra que é preciso que se efetive mudanças nesta área.

Os dados do INEP mostram também as disparidades salariais entre os profissionais da educação e os de outras áreas. E ainda a diferença salarial dos docentes de uma região para outra, onde a região norte e nordeste encontram-se abaixo da média nacional.

Durante as entrevistas com os sujeitos pesquisados, percebemos que uma das grandes dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar eram as salas superlotadas, o que gera ansiedade e indisciplina, afetando a qualidade do trabalho e a aprendizagem dos alunos. E este problema é confirmado pela pesquisa do INEP, que mostra que o número de alunos por turma pode ser considerado elevado em todos os níveis de ensino. Nas creches, chega-se a 18 alunos por turma, no ensino médio possuem mais de 40 alunos por turma. Sendo que regiões Norte e Nordeste possuem as maiores médias de alunos por turma. Esses fatores decorrem da tentativa de reduzir custos educacionais e da influência do FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério), que tende a induzir um inchaço das turmas para fazer o dinheiro render.

Fala-se tanto em inclusão do aluno na escola, porém os governantes e a sociedade não podem esquecer que o processo ensino-aprendizagem se realiza através da pessoa do aluno e também do professor e que a indiferença, o descaso e a desvalorização também são uma forma cruel de exclusão social e profissional.

E por falar em exclusão, a tecnologia, apesar de estarmos em pleno processo de inclusão digital poderá ser uma forte candidata a geradora do processo de exclusão social, haja vista que, na sociedade da informação, os profissionais que não acompanharem esta evolução serão substituídos por outrem na nova e competitiva engrenagem social. Por outro lado, a tecnologia poderá ser também uma grande aliada na formação destes profissionais.

## **2 – O CONTRIBUTO DA TECNOLOGIA E DA PESQUISA NA FORMAÇÃO DOCENTE**

### **2.1 – A tecnologia na formação docente**

Segundo Pimenta (2002:37), “ A educação é um fenômeno complexo, porque é histórico.” Ou seja, porque responde aos desafios que os diferentes contextos políticos e sociais lhe colocam, que segundo a autora, são pelo menos dois: a sociedade da informação e sociedade do conhecimento e a sociedade do não-emprego e das novas configurações do trabalho. A sociedade da informação, seria a educação através da televisão e da internet, onde o professor e quem sabe a escola, seriam dispensados. Esta visão contempla a lógica do estado mínimo, característica do neoliberalismo. Na sociedade do conhecimento, Pimenta ressalta que conhecer é mais do que obter informações, significa trabalhar as informações na perspectiva de transformá-la em conhecimento, o que é tarefa primordial da escola. “Realizar o trabalho de análise crítica da informação relacionada à constituição da sociedade e de seus valores é trabalho para o professor e não para monitor.” (PIMENTA, 2002:.39)

Quanto à sociedade do não-emprego, o “(...) trabalho autônomo descarta as conquistas trabalhistas, que são dispendiosas para os empregadores, incluindo o estado” (idem.39). No entanto, a partir daí, que segundo Pimenta, explica-se a valorização dos programas de formação contínua, fazendo da educação um grande mercado. Discute-se inclusive a

viabilização da terceirização do trabalho docente. E esta prática não se encontra muito distante da realidade. Contudo, até o presente momento, a sociedade do emprego ainda sobrevive na categoria dos profissionais da educação. No entanto, é tudo tão efêmero, que diante da pluralidade de saberes oriundos desses novos tempos, só a competência, o zelo, o sigilo e a lealdade na aplicabilidade dos novos conhecimentos lhe garantirá o seu espaço social e profissional.

Quando se fala na pluralidade de saberes que perpassa os espaços sociais e, é claro, educativos, entram em cena os conhecimentos científicos e tecnológicos que vêm se maximizando a cada dia, desafiando a organização curricular de nossas escolas. Afinal, a informação tornou-se uma das mais valiosas mercadorias do século XXI.

E quanto à escola, já se nota que não é seu único provedor. Precisa-se assim, buscar na tecnologia, sua grande parceira como mediadora e veículo de informação. É imprescindível que esta seja encarada criticamente como mais um recurso didático e não como uma panacéia ou ainda uma grande rival que vá substituí-la.

Tecnologia e informática são palavras-chave na nova ordem social e mundial que se constituem um fator de grande relevância no perfil do novo profissional que visa a um espaço cada vez maior nesse mercado competitivo e globalizado de trabalho.

Como todo profissional, o educador não pode ficar à margem dessa evolução. Haja vista a importância da tecnologia como fonte de pesquisa e de recursos didáticos na prática pedagógica do professor e nos cursos de formação.

Na formação inicial e continuada dos professores já se utilizam de inovadores recursos tecnológicos para garantir o acesso a todos. A tecnologia, rompendo as fronteiras geográficas, facilita o acesso a todos os níveis da educação e a inclusão de todos os cidadãos no sistema educacional através da educação à distância.

Não se pode negar que a tecnologia é sinônimo de progresso e de desenvolvimento social, econômico e cultural. Todavia é prudente que lance um olhar crítico e cauteloso sobre a sua inserção no campo educacional e no curso de formação de professores.

É necessário analisar o crescimento desenfreado de cursos à distância e virtuais, priorizando sua estrutura curricular, seus princípios éticos e metodológicos para que os mesmos não se tornem um aligeiramento profissional criando assim, um comércio lucrativo que contribui apenas para o aumento de diplomados analfabetos.

A educação à distância é uma realidade e a educação virtual já se manifesta, porém, o imprescindível é que estas garantam a qualidade da formação dos seus profissionais. Afinal, não se pode mudar do dia para a noite uma cultura secular de “educação bancária” (FREIRE :1996), na qual a figura do professor era o centro do processo ensino-aprendizagem e o educando um receptor passivo e dependente do mestre. Essa gradativa “independência” no processo ensino-aprendizagem proclamada pela tecnologia, sem dúvida, provoca certos temores aos educandos e educadores. Mas, aos poucos, a escola irá adaptando essa nova ferramenta ao processo ensino-aprendizagem. O mundo globalizado busca, indubitavelmente, uma educação que forme profissionais mais autônomos intelectualmente, banindo da educação esta

concepção bancária, incompatível com as aspirações dessa sociedade informatizada do século XXI. Todavia, o professor, não como dono do conhecimento, mas como orientador da aprendizagem, continuará sendo, apesar da tão avançada tecnologia, uma figura humana e profissional fundamental na formação do ser humano, mas para isso precisará estar atento à evolução sócio-cultural da sociedade, crescendo e evoluindo junto com ela.

Segundo Flecha & Tortajada (2000), a sociedade da informação prioriza certas habilidades. As pessoas que não possuem as competências para criar e tratar a informação ficam excluídas. Por isso, cabe à escola o papel de inclusão, permitindo o desenvolvimento de habilidades necessárias para que o cidadão se insira com sucesso na sociedade. As habilidades são a seleção e o processamento da informação, autonomia, iniciativa, trabalho em grupo e polivalência.

A escola deve usar a tecnologia para integrar as pessoas. Na educação inclusiva a tecnologia tem sido de enorme utilidade na integração dos deficientes físicos, visuais, mentais, etc. O perigo é o tecnicismo que mecaniza o ser humano. É a tecnologia que terá que ser humanística. A educação deverá ser sempre personalizada.

As mudanças na educação são urgentes e difíceis, pois é evidente que as transformações no sistema educacional se operam de forma lenta e gradativa não acompanhando o ritmo da evolução social. Isto não significa que a escola seja vista como uma instituição fadada ao desaparecimento diante dos avanços tecnológicos. Se a mesma for substituída na sua função informadora, o mesmo jamais acontecerá na sua estrutura socializante como formadora de opiniões, na qual é singular e insubstituível.

Em suma, as novas tecnologias não lhe tiram o valor e sim são possibilidades que somam em vez de subtrair, porém, conforme nos adverte Lemos, devemos estar sempre atentos para o perigo da “reificação”. No mundo capitalista, onde as pessoas interagem mais com as máquinas que com o próximo, onde as pessoas são o que elas representam para a sociedade e não o que são como pessoas, onde o ter precede o ser, não se pode esquecer que são os homens que devem controlar as máquinas e não o contrário.

## **2.2 – A pesquisa na formação docente**

Além da tecnologia e sua mediação na educação, outro fator de grande relevância a ser analisado é a contribuição da pesquisa na formação docente.

Segundo Gonçalves (2002:222), “devemos notar que a relação entre a prática pedagógica e a pesquisa tem mão dupla:” Ou seja,

Os saberes docentes podem ter mais solidez se apoiados em resultados de pesquisa, mas a pesquisa educacional ganha sentido e pertinência quando se origina na prática, focalizando os próprios saberes docentes ou questões e situações criadas ou percebidas por intermédio deles.

Uma questão muito debatida principalmente neste início de século é a importância de um professor reflexivo e pesquisador. São dois adjetivos independentes, mas que têm caminhado muito próximos ultimamente no cenário educacional. Afinal, segundo Zeichner (1992), a reflexão se fará sempre por meio da pesquisa promovendo assim, uma simbiose entre professor reflexivo e o professor pesquisador.

Dentre os autores que inicialmente colocam as questões de professor pesquisador para a área de formação destes, destaca-se Stenhouse . Desde a década de 30 discute-se a importância da investigação como recurso didático, mas foi Stenhouse que impulsionou, 30 anos depois, os estudos sobre a pesquisa no dia-a-dia escolar. Na década de 70 Stenhouse criou, com alguns colegas, o Centro de Pesquisa Aplicada em Educação dentro da Universidade de East Anglia, na cidade Britânica de Norwich. O objetivo deste centro era compreender os problemas da prática docente, sem perder de vista a idéia de professor pesquisador.

É indispensável que se questione aqui a importância da reflexão e da pesquisa no espaço escolar e nos Cursos de Formação Inicial e Continuada de professores e, para isso, é preciso que se analise como essa prática tem sido encarada pelos profissionais da educação.

Desde Schön (1983), a concepção do docente como um profissional reflexivo tem sido muito discutida na literatura pedagógica. No início da década de 90 essa discussão se amplia com a difusão do livro **Os professores e sua formação** coordenado pelo professor Antônio Nóvoa, trazendo autores da Espanha, Portugal, França, Estados Unidos e Inglaterra. Porém, segundo Pimenta(2002), vários autores apontam para o risco de um possível “praticismo”, “individualismo” e “reducionismo” na prática docente, como consequência do uso indiscriminado e acrítico do termo “reflexivo”, sem a compreensão das origens e dos contextos que o gerou. Dentre estes autores estão Zeichner (1993), Pimenta (2002), Nóvoa (2002) e outros.

O termo reflexividade vem do termo original latino “reflectere” – recurvar, dobrar, ver, voltar para trás.

A reflexividade é a capacidade de voltar sobre si mesmo, sobre suas construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenção. ( PEREZ GÓMEZ apud LIBÂNEO: 2002).

Libâneo (2002:62) identifica dois tipos básicos de reflexividade:

- A reflexividade de cunho neoliberal, que se situa no âmbito do positivismo, do neopositivismo, do tecnicismo, cujo denominador comum é a racionalidade instrumental.

- A reflexividade no campo crítico que fala da reflexividade crítica, crítica reflexiva, reconstrucionista social, comunicativa, hermenêutica , comunitária.

Percebe-se, no entanto, que apesar das críticas (LISTON & ZEICHNER,1993) sobre o enfoque de Schön ignorar o contexto institucional e pressupor uma prática reflexiva individual que não consegue alterar as situações além da sala de aula, evidencia-se a grande contribuição deste autor na abordagem dessa temática no cenário educacional. Porém, autores como Pimenta (2002) apenas adverte do perigo de tal termo transformar-se em um discurso ambíguo e falacioso, servindo para culpabilizar os professores, ajudando os governantes a encontrarem um discurso que os eximem de responsabilidades e compromissos.

Quanto à pesquisa, segundo o Aurélio (2001), é investigação e estudo, minucioso e sistemáticos, com o fim de descobrir fatos relativos a um campo do conhecimento. Sendo assim, o ato de pesquisar deve ser uma atitude inerente ao ato de educar, pois o processo ensino-aprendizagem não pode ser encarado como uma atividade simples e corriqueira. Esta atividade requer uma investigação, um diagnóstico contínuo de como o aluno aprende, de quais são suas dificuldades, para a partir de então, poder ensiná-lo.

Para Freire, (1996:32) :

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. (...)Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar , constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar a novidade”.

No que concerne às pesquisas, as idéias contempladas nos textos oficiais da área educacional têm gerado questionamentos e debates. Visto que ao mesmo tempo que se prega na LDB a importância da pesquisa, do ensino e da extensão, criam-se Institutos Superiores de Educação (ISE) fora das universidades e segundo Pimenta(2002), tal modelo já estava sendo questionado por vários países que optaram por este caminho, como por exemplo, Argentina, Portugal, Espanha e outros. No ISE a aprendizagem limitar-se-á ao ensino, onde a ausência da pesquisa constituirá um vácuo na identidade e na formação do educador.

Ao retirar da universidade a formação do professor, o MEC nega a sua identidade como cientista e pesquisador, reduzindo o professor a um “profissional tarefeiro” mero executor de atividades rotineiras, acríicas e burocráticas. Nessa concepção, qualquer curso aligeirado de baixa qualidade forma professores desvinculados do contexto social mais amplo, possibilitando a construção da identidade de tecnólogo do ensino. (VEIGA, 2002 : 79)

O ato de refletir também é uma condição inerente ao ato de pesquisar, pois não existe pesquisa sem reflexão e vice-versa. Segundo Schön (1991), o profissional que reflete na ação torna-se um pesquisador no contexto prático. Já Zeichner (1993) ressalta que devemos interrogar não é se os professores são reflexivos, e sim, como estão refletindo e sobre o quê .

Nesse contexto, atentamo-nos para as seguintes indagações: o professor tem sido este pesquisador de sua práxis pedagógica? Tem se

oferecido condições para que isso aconteça de forma permanente nas escolas? Mas e quanto a pesquisa científica e acadêmica como tem sido vivenciada nos cursos de Formação Inicial de Professores? André (2002:59) faz o seguinte questionamento:

Se fazer pesquisa significa produzir conhecimentos, baseados em coleta e análise de dados, de forma sistemática e rigorosa, o que requer do pesquisador um trabalho com um corpus teórico, vocabulário próprio, conceitos e hipóteses específicos, tendo para isso que dispor de tempo, de material e de espaço, não seria esperar demais que o professor, além de seu exigente trabalho diário cumprisse também todos esses requisitos da pesquisa?

André (2002) não nega a importância da pesquisa no contexto educacional, porém adverte para as condições e exigências mínimas para que aconteça uma pesquisa de qualidade. Segundo ela:

Esperar que os professores se tornem pesquisadores, sem oferecer as necessárias condições ambientais, materiais, institucionais implica, por um lado, subestimar o peso das demandas do trabalho docente cotidiano e, por outro, os requisitos para um trabalho científico de qualidade." (...) " talvez seja melhor deixar de falar em professor pesquisador de forma genérica e passar a tratar das diferentes maneiras de articular ensino e pesquisa na formação e na prática docente.(ANDRÉ : 61-62)

É importante analisar criticamente a relação dos cursos de Formação Inicial de Professores com o cotidiano das escolas, do pesquisador com os educadores e a partir daí, efetivar a articulação ensino e pesquisa, pois, é notória a distância estabelecida entre a pesquisa científica e acadêmica e as escolas, bem como o restrito uso da pesquisa aos cursos de pós-graduação, mais especificamente dos *strito sensu*.

A pesquisa científica, infelizmente, ainda não faz parte da realidade nem do curso de formação nem do cotidiano das escolas. Ainda é causa de muito temor, insegurança e resistência pelo seu vocabulário complexo, devido seu rigor e normas científicas tão distantes do universo dos professores, oriundos em grande parte, de uma realidade e formação muito precárias.

Mas, afinal, a pesquisa não pode ser vista como a salvadora da educação nem como um ato insignificante, pois implica na valorização do professor enquanto produtor do conhecimento. Vale, porém, ressaltar que a pesquisa não pode se limitar em conferir um “status” a uma instituição ou a um pesquisador. Necessita, antes de tudo, ser significativa e precisa.

É preciso, no entanto, que se ofereçam aos educadores condições para aliar investigação ao trabalho docente independente da polêmica criada em torno da formação do professor-pesquisador.

A ênfase nesse tipo de formação está no desenvolvimento de uma atitude investigativa por parte do professor, detectando problemas procurando na literatura educacional, na troca de experiência com os colegas e na utilização de diferentes recursos, soluções para encontrar formas de responder aos desafios da prática, independentemente de se atribuir ou não o rótulo de pesquisa a esse tipo de atividade (SANTOS, 2002:.24)

Completamos ainda com as sábias palavras de Amaral (2002:152) que diz:

Refletir, sim; pesquisar, sim; mas à luz de teorias comprovadas, validadas na prática com o alcance de bons resultados, e, sobretudo, com o auxílio de profissionais competentes que se disponham a atravessar os portões da universidade e a “ouvir” a voz da escola pública.

### 3- METODOLOGIA

“A pesquisa é talvez a arte de se criar dificuldade fecundas e de criá-las para os outros. Nos lugares onde havia coisas simples, faz se aparecer problemas.” (BORDIEU *apud* GOLDENBERG, 2001:78)

“A pesquisa é um trabalho de produção de conhecimento sistemático, não meramente repetitivo mas produtivo, que faz avançar a área de conhecimento a qual se dedica.” (GOLDENBERG, 2001:105)

Sendo assim, reafirmamos a importância desta pesquisa não apenas no sentido de avançar o conhecimento na área de formação de professores, mas também no sentido de provocar um desconforto, uma inquietude que desestabilize, que incomode estes profissionais para que a pesquisa seja não apenas uma fonte inesgotável de reflexão, mas que os conduzam a ações relevantes e transformadoras rumo à sua prática pedagógica.

Faz-se importante ressaltar ainda que a pesquisa é muito mais que trabalho de caráter científico, visto que, pesquisar tornou-se uma atividade indispensável ao saber e à vida, uma das prioridades nacionais e um pré-requisito do desenvolvimento (CHIZZOTTI, 2003).

O tipo de pesquisa escolhida para o presente trabalho foi a pesquisa qualitativa.

Segundo Chizzotti (2003:79), “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Ainda segundo o autor, “o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados e o objeto não é um

dado neutro e sim carregado de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.”

Um aspecto importante que também contribuiu para a escolha da pesquisa qualitativa foi o seu evidente valor para estudar questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações e atitudes individuais.

No entanto, concordamos com Goldenberg (2001) quando defende que os métodos qualitativos e quantitativos devem ser percebidos como complementares e não como opostos. Um não implica na anulação do outro.

Segundo Flick (2004:70), na pesquisa qualitativa, o papel do pesquisador é de especial importância.

Os pesquisadores e suas competências comunicativas constituem o principal “instrumento” de coleta de dados e de cognição, não podendo, por isso, adotar um papel neutro no campo e em seus contatos com pessoas a serem entrevistadas ou observadas.

Quanto à coleta de dados, a princípio, é interessante que definamos o termo:

Os dados não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados em um instante de observação. Eles se dão em um contexto fluente de relações: são “fenômenos” que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e ocultamentos. (CHIZZOTTI, 2003:84)

A coleta de dados foi feita através dos seguintes instrumentos:  
questionário e entrevista.

O questionário foi escolhido como instrumento desta pesquisa, por apresentar algumas vantagens para o pesquisador. (cf. GOLDENBERG, 2001:87):

- ✓ É menos dispendioso

- ✓ Exige menos habilidade para aplicação
- ✓ pode ser aplicado a um número de pessoas ao mesmo tempo.

O questionário foi estruturado de forma aberta e assistemática, ou seja, com respostas livres e espontâneas.

Outro instrumento de coleta utilizado foi a entrevista, que apresenta as seguintes vantagens (idem:88):

- ✓ as pessoas têm maior paciência e motivação para falar do que para escrever;
- ✓ pode-se observar o que diz o entrevistado e como diz, verificando as possíveis contradições;
- ✓ instrumento mais adequado para a revelação de informação sobre assuntos complexos, como as emoções;
- ✓ permite uma maior profundidade;

Obtidos os dados, o pesquisador teve diante de si um rico acervo de respostas, que foram ordenadas e organizadas, para que pudessem ser analisadas e interpretadas.

Os dados foram analisados tendo em vista os seguintes eixos de discussão:

- ✓ processo de formação
- ✓ fundamentação teórica
- ✓ mudanças observadas na prática
- ✓ expectativas em relação ao curso

Descrevemos a seguir o caminho por nós percorrido na trajetória docente dos sujeitos pesquisados.

Já no limiar do projeto desta dissertação não tivemos dúvidas sobre o que queríamos pesquisar, onde e quem pesquisarmos.

Optamos pela Faculdade de Educação e Estudos Sociais da cidade de Porteirinha, unidade pertencente à Universidade Presidente Antonio Carlos – UNIPAC. A cidade de Porteirinha localiza –se ao norte do estado de Minas Gerais com uma população de aproximadamente 38.460 habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em julho de 2005. Segundo historiadores, este município recebe este nome pelo fato dos tropeiros viajantes que vinham da Bahia, ao pararem pelos caminhos à beira dos riachos, irem construindo porteiras de pau para evitar que os animais de carga e montaria voltassem para trás enquanto dormiam. Como no centro de Porteirinha era uma das pousadas para descanso dos Tropeiros viajantes, construíram essas porteiras e então falavam: “vamos na porteirinha” que foi onde começou o povoado através das pousadas dos viajantes. Quanto à economia do município gira em torno da agropecuária.

Os sujeitos pesquisados foram os primeiros egressos dessa instituição a se graduarem em nível superior. Foram cinco turmas de aproximadamente trinta e cinco a quarenta alunos que concluíram o Curso Normal Superior em julho de dois mil e cinco, sendo aproximadamente 98% deste público do sexo feminino.

Dentre estes egressos da Unipac, optamos por entrevistar 04 (quatro) alunas da cidade de Janaúba que fica a 35 km de Porteirinha com uma população de aproximadamente 78.807 habitantes (IBGE, julho/05).

Janaúba é um vegetal da família das opocíneas, que deu nome ao antigo povoado de Gameleira (primeiro nome de Janaúba). É uma planta também conhecida por algodão de seda, muito comum na região. Janaúba está localizada na micro região da Serra Geral e é o seu principal município. É também depois de Montes Claros, o principal município do norte de Minas e conta com um dos principais projetos de irrigação do país. É conhecido como o berço da fruticultura norte - mineira.

Com estas alunas de Janaúba foram feitas as entrevistas sobre suas histórias de vida, visitas às suas escolas e salas de aula e entrevista a seus diretores (2) e supervisores (2). Foi aplicado também um questionário aos demais egressos, porém o número de devoluções foi mínimo, sendo assim os questionários foram também respondidos pelos egressos de dezembro de 2005 para completar pelo menos 15 questionários.

Observamos a indisposição, insegurança e talvez temor de grande parte dos sujeitos pesquisados em relação à escrita, o que se explica a dificuldade de coleta de dados através de questionários. Ficamos surpresos com tamanha dificuldade.

Esta observação nos remete a um fator de grande relevância nos cursos de formação de professores: a grande deficiência de leitura e escrita dos professores- alunos que acabam afetando o seu desempenho profissional e conseqüentemente de sua clientela.

Não pretendemos neste trabalho estender esta discussão, mas achamos salutar registrá-la em nível de alerta.

## **4 – EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE ATRAVÉS DE QUESTIONÁRIOS**

### **4.1 –A identidade dos sujeitos pesquisados.**

Dos sujeitos pesquisados, 98% são do sexo feminino, numa faixa etária de 20 a 45 anos de idade, sendo alguns sem nenhuma experiência na docência (5%) e alguns com até 25 anos de exercício na função. Estes egressos atuam em níveis e realidades bastante diversas: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA), salas multisseriadas, Zona Rural e alguns até ministram aulas de 5ª a 8ª séries mesmo sem serem habilitados para tal. Alguns já atuaram ou atuam como diretores de escolas estaduais.

Este grupo de egressos que responderam aos questionários destacam-se pela heterogeneidade em todos os aspectos, o que vem a enriquecer bastante a pesquisa.

Para preservar a identidade dos pesquisados foram usados números de 1 a 15 para identificá-los.

### **4.2 - Profissão: Professor**

Uma pergunta que sempre está presente no cotidiano de um professor é: por que ser professor e não um médico, um advogado? Esta pergunta vem

sempre acompanhada por uma indignação: “Estudar tanto pra ser pro-fes-sor... com um salário desse tamanho? Que loucura!”

E assim para não fugir à regra perguntamos aos egressos: por que optaram por esta profissão? Os inquiridos responderam a esta pergunta juntamente com o que era ser professor nos dias de hoje.

O professor número 01 disse que ser professor é ser um artista e que escolheu esta profissão por gostar de ensinar e de cuidar de crianças. O professor número 13 compartilha desta primeira opinião porém não escolheu ser professor, “me escolheram”, disse ele. Para outros respondentes ser professor é ser um orientador e um pouco de tudo: de pai, de mãe, de médico e até de polícia.

“Ser professor é muito complicado. Hoje somos obrigados a assumir múltiplas responsabilidades que antes não era só da escola. Tudo que fracassa manda para a escola como se fossemos salvadores da pátria.” (professor nº 9)

“Ser artista, ser comprometido com a educação. (professor nº 13)

“Ser um orientador, um condutor do processo de aprendizagem que tem a função de incentivar o aluno despertando seu interesse para a construção do seu conhecimento conforme sua interação social.” (professor nº 2)

Quanto à opção pela profissão “professor” grande maioria afirmou ter escolhido por gostar de crianças e ter habilidades para lidar com elas. Outra parte escolheu esta profissão por falta de opção e de outras oportunidades. O professor número 02 diz que escolheu porque na época era o curso que dava uma profissão, mas que hoje ama o que faz e faz com amor apesar das dificuldades que, segundo ele não são poucas. O professor número 10

completa. “quando terminei o magistério não tinha opção, comecei a trabalhar e aprendi a gostar e estou até hoje.” Já o professor nº 9 foi ao contrário: “escolhi realmente por gostar. Infelizmente hoje nem tanto.”

Percebemos nos depoimentos dos professores nº 2, 9 e 10 que as motivações para a docência foram diferentes, pois o professor nº 9 ao contrário dos demais foi se desmotivando. Nota-se que o grande problema da docência não está apenas nos cursos de formação ou no perfil dos que nele se ingressam, mas também no percurso deste. Afinal, os professores têm sido motivados a continuarem nesta profissão? Que incentivos recebem?

#### **4.3- Principais dificuldades enfrentadas pelo professor no seu ofício**

A educação hoje encontra-se em primeira pauta de discussão na política, na família e em toda a sociedade. Todos falam do fracasso escolar e da crise educacional com muita propriedade, mas quem realmente conhece os problemas e as dificuldades educacionais são quem fazem a educação: os professores. Por isso perguntamos aos sujeitos pesquisados quais os maiores entraves e dificuldades enfrentados no exercício do seu ofício.

Grande parte dos respondentes citaram nesta ordem de importância: a desvalorização profissional, a falta de interesse dos alunos e a indisciplina, a falta de assistência e apoio da família, muita cobrança e poucos benefícios destinados aos professores e salas superlotadas.

“As maiores dificuldades são as diversidades em classes, leis e decretos de nossos governantes com atitudes insanas que avaliam a educação através de números para receber verbas que nunca chegam para a educação.” (professor nº 9)

“Muitos professores não conseguem ter domínio de sala. Acaba o professor não dando aula e aluno não aprendendo.” (professor nº14)

Através destes depoimentos percebemos que o professor não faz do salário o único problema que obstaculize um trabalho de qualidade, vê-se que este é apenas um dos fatores, mas não o único e, o professor, segundo a pesquisa, tem consciência disso.

#### **4.4- A contribuição e os desafios do curso de formação docente**

Muitas são as opiniões que se divergem sobre os cursos de formação de professores. Muitas são as críticas e poucas são as sugestões e mudanças eficazes para atualizar este curso com tão grande responsabilidade humana, social e política. Pelas mãos dos educadores passam todo tipo de cidadão: do Gari ao Presidente da República, do marginal ao sacerdote, da prostituta à irmã de caridade, etc. Esta comparação foi para refletirmos a amplitude e a complexidade do grande desafio que é o ato de educar e da tamanha responsabilidade do Curso de Formação de professores.

Por tudo isso perguntamos aos sujeitos pesquisados se o curso havia contribuído para a qualidade do seu trabalho. Foi unânime a valorização do curso pelos egressos. Todos concordaram que o curso ofereceu subsídios para uma prática consciente e de qualidade.

“Sim, tem contribuído muito. É maravilhoso quando coloco em prática toda teoria que aprendi no curso, ver que está dando certo e poder passar tudo para outras pessoas, trocar experiências.” (prof. nº 12)

Em seguida foi questionado aos egressos qual o maior desafio para o educador do novo milênio. Dos 15 pesquisados, quatro citaram como maior desafio vencer a desvalorização profissional. O professor número 01 usou a pergunta para um desabafo: “o aluno tem direito a tudo e o educador a nada.” E o número 13 complementa: “o desafio é educar uma sociedade injusta e mal educada..”

Encontramos porém, cinco professores que, assim como o professor número 08, abaixo citado, acreditam que o maior desafio é o aperfeiçoamento e mudanças dos profissionais da educação.

“Acompanhar todas as mudanças que ocorrem no mundo, toda evolução e conseqüentemente poder atender aos anseios, as expectativas e necessidades dos alunos, com uma prática pedagógica criativa , inovadora coerente com estas mudanças.”  
(prof, Nº 8)

O professor número 05 citou como desafio o combate à violência na escola que, apesar de ser apenas citado por este, é um dado preocupante que tem afetado a imagem e a qualidade da educação, onde mais um problema de ordem social acaba passando para a responsabilidade dessa. É importante ressaltar ainda que 03 dos egressos citaram o acompanhamento do avanço tecnológico como um dos desafios da educação.

#### **4.5- Pesquisa X formação docente**

A pergunta sobre a pesquisa nos cursos de formação docente foi algo que muito nos inquietou e surpreendeu, pois 99 % dos respondentes disseram ter vivenciado bastante esta prática no decorrer do curso, no entanto, nós por

conhecermos na prática estes cursos sabemos que não era verdade. Diante deste quadro, quando lemos as respostas ficamos surpresos e resolvemos conversar com estes, sobre suas experiências com tais pesquisas e foi aí que percebemos o limitado universo de pesquisa por eles vivenciado nos cursos de formação. Vimos assim, que a idéia de pesquisa do egresso é muito “limitada” ou seja, reduz-se mais a uma pesquisa bibliográfica. Observamos que não se dão conta da importância e da dimensão de uma pesquisa com coleta de dados, visita a campo e um registro mais sistematizado dos dados.

“A pesquisa é muito importante na formação docente, porque ela nos dá a atualidade que precisamos e ela foi vivenciada com muito entusiasmo na minha formação.” (professor nº 1)

“Sim. Pesquisando e aprendendo cada vez mais. E como!” ( professor nº 10)

Nestes questionários no que se refere aos questionamentos sobre a pesquisa, observamos respostas vagas, imprecisas e pouco objetivas.

## **5- A HISTÓRIA DE VIDA DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS**

### **5.1 – Descrição dos sujeitos entrevistados**

Para a realização deste trabalho com entrevistas foram selecionadas quatro professoras-alunas egressas da UNIPAC em julho de 2005, todas residentes na cidade de Janaúba. Elas têm a faixa etária de 30 a 41 anos e com 7 a 16 anos de docência. Foram entrevistadas também as diretoras e supervisoras das instituições nas quais atuam, sendo duas diretoras e duas supervisoras.

Dentre as quatro egressas entrevistadas, três trabalham com crianças portadoras de necessidades especiais e uma trabalha no projeto da AABB Comunidade. Para resguardarmos a identidade dos sujeitos pesquisados optamos por usar codinomes: Arara, Beija-flor, Bem-te-vi e João de barro.

### **5.2 – Os professores e suas histórias de vida**

“Cada história de vida, cada percurso, cada processo de formação é único.” (MOITA,1995:117)

De acordo Nóvoa (1995), os autores que nos últimos anos têm trabalhado mais sistematicamente as histórias de vida dos professores são: Ivor F. Goodson, Jennifer Nias, Michaël Huberman, Mirian Bem-Peretz e Peter Woods que mantêm uma grande vigilância teórica e metodológica sobre o assunto. Ainda, segundo Nóvoa (p.17), “é impossível separar o eu profissional

do eu pessoal.” Diante disto, as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente importantes para o desenvolvimento educacional, mesmo que vindo acompanhado de algumas críticas.

Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas estratégias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com seus contextos. (MOITA, 1995:116)

Outro estudioso no assunto, Goodson (1995:69) diz: “o que afirmo aqui e agora é que, no mundo do desenvolvimento dos professores, o ingrediente principal que vem faltando é a voz do professor.”

ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, “a vida”, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero este fato surpreendente. O que considero surpreendente, se não francamente injusto, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes. (GOODSON, 1995: 71)

Diante do quadro acima, onde se mostra a importância de se resgatar a pessoa do professor e suas histórias de vida, mostraremos agora breves relatos de suas vidas. Começaremos pelo professor João de barro de 39 anos e 07 anos de docência. Ele vem de uma família de educadores e de um contato constante com a escola desde a mais tenra idade. Desde criança ia para a escola com a irmã para tomar leitura das crianças, por isso hoje tem grande interesse em se especializar nesta área. A primeira experiência que teve como docente foi ministrar ainda mocinha aulas particulares em casa, alfabetizando crianças com dificuldades de aprendizagem. Mesmo antes de ingressar no

magistério já ministrava aula como professora leiga nas quatro séries iniciais e no antigo MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Quando ingressou no magistério logo se casou e interrompeu o curso por um tempo para cuidar dos filhos, voltando uns anos depois. Tentou o vestibular por três vezes e na terceira vez passou no vestibular da Unipac que acabara de abrir inscrições para a cidade de Porteirinha. Por residir na cidade de Janaúba, toda noite viajava em um ônibus fretado por estudantes para ir à faculdade. As viagens foram marcantes, cheias de conflitos, angústias, mas também marcada por muita amizade. Hoje trabalha no Projeto AABB Comunidade<sup>1</sup> graças à formação superior.

Segundo o Professor João de barro, graças ao que aprendeu nos cursos de formação conseguiu mudar a concepção tradicional de ensino para uma nova concepção, onde prioriza o conhecimento do aluno. Disse ainda que a disciplina que muito contribuiu na sua prática foi a Psicologia, pois a teoria que viu lá trouxe para o seu cotidiano. No seu ponto de vista o que ficou a desejar um pouco foi o estágio, pois acredita que faltou maior interação entre professor e aluno para maior orientação e aprendizado.

Para Professor João de barro, as maiores dificuldades enfrentadas hoje no seu trabalho são a falta de um salário digno, os problemas sociais e familiares serem jogados para a responsabilidade da escola e a falta de reconhecimento pelo trabalho do professor.

---

<sup>1</sup> O objetivo do AABB Comunidade é contribuir para a inclusão, não repetência e permanência na escola de crianças e adolescentes com idade entre 7 e 18 anos incompletos, estudantes de rede pública de ensino em risco de exclusão social. As atividades são desenvolvidas ao longo do período letivo, no mínimo três vezes por semana com quatro horas diárias. Crianças e adolescentes são estimuladas a participar de práticas nas áreas de esportes, educação e artes, higiene e saúde.

Após entrevistar o professor João de barro, fui conhecer o projeto da AABB Comunidade, sua sala de aula e seus alunos para em seguida entrevistar a Coordenadora-Supervisora (aluna do 3º período do Curso de Pedagogia) que acompanha o projeto e o trabalho do Professor Pardal. Perguntamos a ela qual sua opinião sobre os cursos de formação de professores e sua contribuição na prática do professor Pardal. Segundo a coordenadora-supervisora, este curso veio para somar e a mudança na postura e no trabalho dos professores são perceptíveis. Porém, na sua opinião os fatores que mais influenciam na qualidade do trabalho de um educador são, nesta ordem: o amor ao ofício, a pesquisa e saber colocar em prática o que aprendeu.

Após conhecer um pouco da história de vida do Professor João de barro, foi a vez dos outros 03 professores que trabalham juntos em outra instituição. As professoras Arara, Bem-te-vi e Beija-flor todas trabalham com crianças portadoras de necessidades especiais na APAE da cidade de Janaúba, por sinal uma das mais bem equipadas da região. Fui conhecer a instituição e o trabalho das professoras-alunas egressas da Unipac. Observei alunos com as mais diversas deficiências e idades e vi no rosto das professoras pesquisadas o amor e a dedicação no trabalho, observação esta confirmada na entrevista com a diretora que disse: “o curso contribuiu muito na prática destes professores, pois percebo a mudança nas aulas que se tornaram mais dinâmicas, inovadoras e criativas”. Ainda segundo a diretora: “no curso de formação de professores o diferencial é o aluno, se ele não tiver interesse o curso não fará diferença na sua vida profissional.”

A Diretora falou também da crise, desafios e dificuldades no cenário educacional:

“A crise existe, mas estamos avançados no sentido de formação de professores, pois a tempos atrás não tinha tanto investimento.”

“O maior desafio é saber lidar com as diferenças em sala de aula. Estar preparado para lidar com a diversidade.

“A maior dificuldade do professor é a falta de apoio da família.”

Fomos conhecer então a história de vida da professora Arara, de 41 anos com 16 anos de docência. A professora Arara começou a lecionar só tendo o Ensino Fundamental. Iniciou numa sala multisseriada (com as quatro primeiras séries) de zona rural, porém, segundo ela com muito desejo e sonhos de fazer algo diferente. E conseguiu. Recebeu nessa época o prêmio de melhor professora municipal, pois desenvolveu projetos de destaques, como por exemplo o do meio ambiente envolvendo toda a comunidade. Com isso foi convidada a vir trabalhar na cidade para assumir uma comunidade muito carente e de risco. Trabalhava nos três turnos, fazendo trabalhos sociais, como por exemplo tirando alunos da prostituição. Mesmo sem saber que nome atribuir àquela prática, já fazia projetos interdisciplinares, mesmos sem ter conhecimentos teóricos sobre os mesmos.

Formou-se no Ensino Médio em 1996, mas foi despedida por motivos políticos, porém após um tempo retornou ao município, agora efetiva. Começou a trabalhar na APAE assim que retornou pois a instituição estava iniciando o seu primeiro ano de existência.

Em 2003 ingressou na Unipac. Como as outras, passou três anos viajando toda noite para a cidade de Porteirinha. Entrou com muita expectativa,

que segundo ela, não foi superada devido à falta de um maior acesso à tecnologia, no entanto ressalta que aprendeu muito e coloca em prática na sala de aula com muito mais segurança.

“A minha maior alegria é quando vejo os alunos querendo aprender e a maior tristeza é a falta de reconhecimento da sociedade. A maior dificuldade é a questão salarial pois impossibilita inclusive adquirir mais livros.” (Professora Arara)

Segundo a Professora Arara, mesmo se tivesse a chance de mudar de profissão não a abandonaria, mas gostaria de desenvolvê-la aliada à tecnologia. “Já tive inclusive experiência e cursos na área da saúde, mas acabei voltando para a educação, sei que aqui é meu lugar. A educação foi mais que uma opção foi um sonho”.Disse ela.

Após ouvir atentamente a professora acima foi a vez da Professora Beija-flor. Esta professora tem 30 anos de idade e 8 anos de docência. Assim como as demais começou a atuar assim que concluiu o primeiro grau. Iniciou a docência com um trabalho na creche. Começou o ensino médio depois parou, pois, em seguida casou-se e engravidou. Voltou a fazer o ensino médio em 1992 e em 1993 voltou a trabalhar. Formou-se em 1996.Continuou na creche e depois começou o estágio na APAE e está até hoje.

Em 2003 entrou na universidade, segundo ela o curso superou suas expectativas e abriu sua cabeça. “A faculdade era muito coerente, de forma que fica claro para o aluno se é isto ou não que ele quer para ele, pois o que via lá, tinha como colocar em prática na sala de aula”. Perguntamos a ela que se tivesse a oportunidade de fazer outro curso, se mudaria de profissão. Ela

disse que optaria pelo curso de Assistência Social devido melhores condições salariais, só por isso.

Por fim foi a vez da professora Bem-te-vi de 40 anos de idade e 12 anos de docência. Ao contrário das demais concluiu primeiro o segundo grau para em seguida iniciar o exercício da docência que já teve início na Educação Especial na qual está até hoje. No início, segundo ela, sentiu muito medo e insegurança por já iniciar nesta modalidade sem ter nenhuma experiência. Na entrevista a professora Bem-te-vi diz que o curso de graduação ajudou muito principalmente a disciplina de Psicologia, apesar da pequena carga horária. Segundo ela, mesmo se tivesse oportunidade de mudar de profissão não o faria.

Após entrevistar as professoras-alunas foi a vez das Supervisoras. Estas elogiaram muito as professoras e o seu compromisso inclusive disseram que a professora Bem-te-vi é uma das melhores alfabetizadoras da instituição e que sem dúvida o curso de formação foi um diferencial muito grande na prática destes profissionais. Acreditam que o maior desafio para o professor hoje é fazer o aluno ler, escrever e interpretar.

O que muito nos impressionou durante as entrevistas foi o prazer com que as professoras relatavam suas experiências, suas histórias de vida pessoal e profissional. Foi animador ver nos olhos das entrevistadas um brilho especial quando fala do seu ofício, brilho este, que já não se vê em muitos olhos quando falam da profissão docente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: Á GUIA DE CONCLUSÃO**

Atendendo ao foco de interesse deste estudo, procuramos fazer um resgate histórico, sócio-cultural, político e educacional sobre a profissão docente, onde encontramos aporte em grandes nomes do cenário educacional, sejam eles nacionais ou internacionais, que foram reconstruindo a história do nosso passado, para à luz desta, analisarmos o nosso presente e suas contradições.

Convém salientar diante do histórico levantado que as transformações educacionais não acompanharam a evolução social do país, uma vez que podemos afirmar que foi a partir da LDBEN nº 9394 de 1996 que a educação deu uma arrancada mais audaciosa rumo à uma educação mais inclusiva, democrática e descentralizadora, mais condizente com uma sociedade em plena e acelerada evolução tecnológica.

Isto porque, para Nóvoa (1991), as sociedades contemporâneas já compreenderam que o desenvolvimento sustentável exige a realização de importantes investimentos na educação. E ainda segundo o autor, precisamos diante deste grande paradoxo educacional e desta crise da profissão docente “apreender na acepção original da palavra crise ( krisis= decisão) assumí-la como um espaço de tomar decisões sobre os percursos de futuro dos professores.” (1991: 20/21)

A trajetória vivida nesta pesquisa nos permitiu penetrar na história de vida e de formação profissional dos sujeitos pesquisados. Pois segundo Moita, “Compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida.” (1995:114)

E foi assim, diante desta pluralidade de saberes e olhares, que aventuramos numa viagem que tinha como destino adentrar na história da formação dos professores, conhecendo suas histórias de vida, seus dilemas, desafios, sonhos e frustrações e tendo como objetivo maior analisar a influência do curso formação docente na sua prática pedagógica.

Através da análise dos dados coletados na entrevista e no questionário, percebemos que apesar do desprestígio da profissão perante a sociedade e em relação as demais profissões, o magistério ainda conta com profissionais que acreditam na “vocação de educador”, que amam o que fazem. No entanto, é sabido que para as novas gerações já não é mais tão atraente esta profissão, tendo em vista os baixos salários e a falta de reconhecimento social.

É importante ressaltar que na pesquisa vimos que grande parte dos sujeitos pesquisados são pessoas que já atuam há muito tempo na docência e têm mais de 30 anos de idade.

No diálogo com estes egressos percebemos as suas angústias diante das múltiplas responsabilidades atribuídas à escola e omitidas pelas famílias; falaram também da vontade de fazer algo diferente e as amarras estruturais do sistema de ensino os impedirem como: falta de material didático, recursos financeiros, salas muito cheias, falta de profissionais e etc.

Outro fator de extrema relevância neste trabalho é a valorização do curso de formação inicial e continuada pelos egressos, visto que, têm consciência da sua contribuição ímpar no seu processo de formação, como também reconhece suas limitações e dificuldades.

Quanto à influência do curso de formação na prática pedagógica dos professores, durante a entrevista eles deixaram claro a grande contribuição

deste e o quanto mudaram a postura e a concepção de “educador” após ingressá-lo.

Enquanto professora destes profissionais, percebi através da entrevista e do questionário a importância de se rever algumas questões do ponto de vista curricular nos Cursos de Formação de Professores, como por exemplo: aumento da carga horária de Psicologia, visto que os sujeitos pesquisados consideram-na de grande contribuição e relevância na sua prática pedagógica. Analisamos também que a falta de vivência na pesquisa é resultado da tardia inclusão da disciplina Metodologia Científica, que inicia somente nos últimos semestres do curso de formação, o que vem a distanciar o aluno da produção de trabalhos científicos e do contato com a pesquisa de campo.

Outro aspecto a ser repensado é a forma de organização do Estágio Curricular, uma vez que os inquiridos reclamaram da falta de uma maior articulação e acompanhamento deste pelos professores. Sabemos que o estágio é um momento imprescindível para confrontar o conhecimento sistematizado na faculdade com a prática no cotidiano escolar, principalmente para aqueles que não atuam no campo educacional.

A presente pesquisa apresenta no título o seguinte questionamento: Curso de Formação de Professores: certificação ou transformação pedagógica? Através dos resultados da pesquisa chegamos a conclusão que existe uma certa distância entre o discurso dos sujeitos pesquisados e a sua prática diária na realidade na qual eles atuam. Concluímos também que destes cursos sairão profissionais para os quais o curso de formação resumiu apenas num diploma, um título que quase nada alterou no seu compromisso, postura e conhecimento, pois bem sabemos o quanto o aligeiramento dos cursos e a

venda de diplomas têm contribuído para isso. No entanto, têm outros para os quais o curso transformou a sua prática, tornando-a mais rica e embasada teoricamente.

Lembramos que tal questionamento é algo bastante subjetivo, impossível de medir ou expressar através de números. Diante disso, é salutar não sermos deterministas em afirmar que estes cursos formarão só diplomados ou que todos sairão transformados por este.

Todavia, através das diversas vozes ouvidas nessa trajetória tivemos a certeza que ninguém forma ninguém e que a formação é um processo individual que se dá num espaço coletivo, de troca e interação contínua.

Com base nesta realidade sabemos que a formação e informação deve ser condição *sine-qua-non* na busca do crescimento profissional do educador. Pois segundo Nóvoa (2000: 18) :

Só o profissional pode ser responsável por sua formação. Esse é um processo pessoal incompatível com planos gerais centraliza dores” (...) a bagagem teórica terá pouca utilidade, se o professor não fizer uma reflexão global sobre sua vida. Como aluno e como profissional.(...). É no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas pedagógicos ou educativos reais que se desenvolve a verdadeira formação.

É notória na citação acima a importância do compromisso que só o educador pode assumir frente à sua formação inicial e continuada e à importância da sua sala de aula neste processo de formação.

Chegamos ao final desta dissertação cômnicos de que este trabalho não é algo conclusivo, mas apenas um começo para novas investigações e reflexões acerca do tema, que bem sabemos e dizemos várias vezes, é envolvido por

uma história de dilemas e desafios que não se restringem a algo simples e objetivo de ser investigado, pelo contrário, tem a marca da complexidade e da subjetividade como produto das histórias de vida, dos saberes docentes e do constructo profissional, social e humano desta profissão.

Como docentes do Curso de Formação de Professores temos a certeza da importância e necessidade de um estudo acerca do currículo, dos princípios metodológicos, éticos e culturais que o norteia, afim de que possamos rever suas bases, diagnosticando seus pontos fracos e falhos, bem como seus pontos fortes, consolidando assim, uma melhor qualidade na educação nacional formando profissionais mais capazes para assumir com compromisso e competência a sua profissão de educador.

Bem sabemos que nós, educadores, temos um grande desafio pela frente. Porém, segundo Imbernón (2000), não podemos ser espectadores passivos do futuro, mas reservar-nos um papel de sujeitos-atores, diante de uma realidade que se mostrará, simultaneamente, através de grandes avanços tecnológicos e científicos e do aumento das desigualdades, da pobreza e da exclusão.

À guisa de conclusão não poderia ser diferente; terminamos com a citação de um dos principais referenciais teóricos deste estudo: Antônio Nóvoa.

Precisamos reconhecer, com humildade, que há muitos dilemas para os quais as respostas do passado já não servem e as do presente ainda não existem. Para mim, ser professor do século XXI é reinventar um sentido para a escola, tanto do ponto de vista ético quanto cultural. (NÓVOA, 2002:18)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALTET, M. Qual (is) profissionalidade (s) dos formadores em formação contínua? Por um perfil poliidentitário. *In*: ALTET, M. *et al.* **A profissionalização dos formadores de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

AMARAL, A. L. A adjetivação do professo: uma identidade perdida? *In*: VEIGA e AMARAL (org.). **Formação de professores – políticas e debates**. São Paulo: Papyrus, 2002, p. 131 - 154.

AMORIM, M.M.T. **A prática pedagógica do professor iniciante: um estudo das dificuldades enfrentadas no início da carreira**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. (Dissertação de Mestrado em Educação).

ANDRÉ M. (org). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 2ª ed. São Paulo: Papyrus, 2002

ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.

BRASIL. Lei 9394 de 20/12/1996, dispõe sobre as diretrizes da educação nacional.

CARMO, S.I. COUTO, E. **História-passado presente**. São Paulo: Atual, 1994.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. *In*: NÓVOA, A. **Profissão professor**. Lisboa-Portugal. Dom Quixote, 1991.

FARIA FILHO. **História da Educação**. *In* MINAS GERAIS. Veredas-Formação Superior de Professores: mod. 3 – vol.1 a 4. Belo Horizonte: SEE-MG, 2002.

FERREIRA, R. **Entre o Sagrado e o profano – o lugar social do professor**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

FLECHA, R.&TORTAJADA, I. Desafios e saídas educativas na entrada do século.In: IMBERNÓN, F. (org) **A educação no século XXI- os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p.21-36.

FRANÇA, J. L. *et al.* **Manual para normalização de publicações técnico - científicos**. Belo Horizonte: UFMG,2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. 16ª edição. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GHEDIN,E. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA. S.G. & E.GHEDIN. **Professor reflexivo no Brasil - Gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In NÓVOA,A. **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1995, p.63 a 78.

GONÇALVES, J. A. M. A carreira das professoras do ensino primário. In NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Portugal: Porto editora, 1995, p.141 a 170.

GONÇALVES, L. A. **Definição de um problema de pesquisa pedagógica**. In MINAS GERAIS. Veredas-Formação Superior de Professores: mod. 3 – vol.1 a 4. Belo Horizonte: SEE-MG, 2002.

HAMELINE, D. O educador e ação sensata. In: NÓVOA, A. **Profissão professor**. Lisboa-Portugal. Dom Quixote,1991.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1995, p.31 a 62.

IMBERNON, F. (org).**A educação no século XXI.-Os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIBÂNEO,J.C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA. S.G. & E.GHEDIN.

**Professor reflexivo no Brasil - Gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2002.

MOITA, M. da C. Percurso de formação e de trans-formação. In NÓVOA, A. **Vidas de professores.** Portugal: Porto, 1995, p.111 a 140.

NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_. **Vidas de professores.** 2ª edição. Portugal: Porto, 1995.

\_\_\_\_\_. **Professor se forma na escola.** Revista Nova Escola, São Paulo: n.141, maio/2001.

\_\_\_\_\_. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa-Portugal: Educa, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ser professor: personalidade e profissionalidade.** In: II Seminário Internacional de Educação, BH, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educação: entre políticas, retóricas e práticas.** Presença Pedagógica, vol.10. n.60. Belo Horizonte: Dimensão, 2004.

\_\_\_\_\_.(Org.) **Profissão professor.** Lisboa-Portugal. Dom Quixote,1991.

PERES, E. T. **Escola- campo da prática pedagógica.** In MINAS GERAIS. Veredas-Formação Superior de Professores: mod. 3 – vol.1 a 4. Belo Horizonte: SEE-MG, 2002.

PIMENTA.S.G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA. S.G. & E.GHEDIN. **Professor reflexivo no Brasil- Gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2002.

RIGAL, L. A escola crítico-democrática: uma matéria pendente no limiar do século XXI. In: IMBERNON, F. (org).**A educação no século XXI.-Os desafios do futuro imediato.** Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 171-192

ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil**. 25ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

SANTOS, L.L.C. P. "Identidade docente em tempos de educação inclusiva." In: VEIGA, I.P.A. & AMARAL, A.I. (org.) **Formação de Professores: políticas e debates**. São Paulo: Papyrus, 2002. P.155-174.

SAVIANI, D. **Os ganhos da década perdida**. Revista Presença Pedagógica, Nov/dez. Belo Horizonte: Dimensão, 1995.

SCHÖN, D. **The reflective practitioner**. Nova York: Basic Books, 1983.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2, 2004, Belo Horizonte.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TARDIF, M. LESSARD, C. **O trabalho docente. Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

VEIGA, I. P. A.; AMARAL, A.I. (org.) **Formação de Professores: políticas e debates**. São Paulo: Papyrus, 2002.

VEIGA, I. P. A. Professor: tecnólogo do ensino ou agente social? In VEIGA, I. P. A.; AMARAL, A.I. (org.) **Formação de professores: políticas e debates**. São Paulo: Papyrus, 2002, p.155-174.

ZEICHNER, K.M. **A formação reflexiva de professores: idéias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.

## ANEXOS

### ANEXO A - QUESTIONÁRIO

**Caro professor, este questionário é um dos instrumentos utilizados na minha pesquisa sobre formação docente. Por isso, sua sinceridade e objetividade nas respostas serão fundamentais para a qualidade desta pesquisa, interferindo diretamente no seu resultado. Não precisa se identificar, basta dizer se atua ou não na área e em qual série/fase.**

**Obrigada pela sua contribuição.**

**Joelma Mendes**

Você já exerce a profissão docente? ( ) Sim ( ) Não

Em caso afirmativo, qual turma? \_\_\_\_\_Tempo de serviço\_\_\_\_\_

#### Questionário

- 1- Para você o que é “ser professor” nos dias de hoje?
- 2- Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.
- 3- Por que você escolheu ser professor (a)?
- 4- Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?
- 5- Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?
- 6- Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê?  
Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?

#### RESPOSTAS

## **ANEXO B - ENTREVISTA**

### **Entrevista aos funcionários da escola ( Diretor, Vice-Diretor, Supervisor)**

- 1- Qual sua opinião sobre os cursos de formação docente e em particular o Normal superior?
  
- 2- Você percebeu alguma mudança na prática docente dos professores após ingressarem na universidade?
  
- 3- Na sua opinião qual (is) o(s) fator(es) que mais influencia(m) na qualidade do trabalho de um educador?
  
- 4- A que você atribui a crise na educação hoje?
  
- 5- Qual o maior desafio para o educador desse novo milênio?
  
- 6- Cite 03 fatores (por ordem de importância) que você acredita que mais contribui na desvalorização do educador perante a sociedade?
  
- 7- Qual uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo professor no seu dia-a-dia?

## ANEXO C - QUESTIONÁRIOS COM RESPOSTAS

Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não  
Em caso afirmativo, qual turma? Educação Fundamental  
Tempo de serviço: 2 anos

### PROFESSOR 1

1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?

Um artista

2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.

Sim, pois o educador encontra grandes dificuldades na sua prática, a desvalorização profissional é muito grande.

3. Por que você escolheu ser professor (a)?

Por gostar de me envolver com crianças.

4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?

Importante se formar em curso de formação docente. Ele contribui muito para a qualidade no ensino. Dando subsídios para um ensino de qualidade.

5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?

O desafio do educador no novo milênio é que o aluno tem direito a tudo e o educador a nada.

6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?

A pesquisa é muito importante na formação docente. Por que ela nos dá a atualidade que precisamos e ela foi vivenciada com muito entusiasmo na minha formação.

**Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma?**  
**Tempo de serviço: 15 anos da regência, 6 anos da direção**

## **PROFESSOR 2**

### **1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

É ser um orientador, um condutor do processo de aprendizagem que tem a função de incentivar o aluno despertando seu interesse para a construção do seu conhecimento conforme sua interação social.

### **2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

Desvalorização profissional, falta de interesse dos alunos, indisciplina, falta de apoio e assistência da família.

### **3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Porque na época era o curso que me dava uma profissão. Mas hoje amo o que faço e faço com amor, apesar das dificuldades que não são poucas.

### **4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

Maravilhoso, foi a melhor coisa que já se criou na educação. Porque contribui de maneira incalculável para o enriquecimento e aprimoramento da prática pedagógica. Através do curso foi possível obter mais teorias e vivências na prática em sala de aula no estágio.

### **5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

Estudar mais, atualizar sempre para acompanhar as evoluções e ser um educador competente e eficiente.

### **6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Sim. Porque nos faz estudar e conseqüentemente aprender mais compreendendo melhor a realidade que vivemos. Sim em vários momentos como ao fazer portfólio, projeto de pesquisa e outros como artigos científicos, etc...

**Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma? Educação Infantil**  
**Tempo de serviço: 4 anos**

### **PROFESSOR 3**

**1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

Nos dias de hoje, o professor é tudo, não apenas transmissor de conhecimento é amigo, pai, mãe, etc. Um pouco de tudo.

**2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

Sim, pois a cobrança é muito grande e os benefícios são poucos.

**3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Por gostar de cuidar e educar crianças.

**4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

O Curso de Formação Docente é muito importante para o educador, pois ele contribui muito para o trabalho em sala de aula dando subsídios para uma educação de qualidade.

**5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

A desvalorização profissional, a falta de recursos e verbas para o professor.

**6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

A pesquisa é essencial para o docente porque ela atualiza o educador. A pesquisa foi muito bem vivenciada na formação do curso.

**Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma? Ensino Fundamental**  
**Tempo de serviço: 6 anos**

#### **PROFESSOR 4**

**1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

Ser professora hoje é estar sempre renovando e aprimorando seus conhecimentos buscando mudança para melhorar sua prática no dia-a-dia.

**2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

Com certeza, o professor depara quase que sempre com as dificuldades. Dificuldades estas que são surgidas de acordo as condições financeiras e familiares em que se encontra as escolas e os alunos.

**3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Sempre tive muito contato com crianças, tanto na família e nas vizinhanças também partindo daí achei que é muito importante não só cuidar de crianças mas sim educar como todo.

**4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

O curso de formação é muito importante na vida do educador. Pois melhora sua qualidade de trabalho dando-lhe mais segurança na sua prática.

**5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

A desvalorização profissional, a falta de recursos, verbas e apoio para o professor.

**6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

A pesquisa é fundamental para a formação do educador: por que ela tem o objetivo de atualizar o educador. E esta pesquisa foi bem vivenciada na formação contínua do curso.

**Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma? Ensino Fundamental**  
**Tempo de serviço: 5 anos**

## **PROFESSOR 5**

**1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

Ser professor é ser de tudo um pouco: mãe, pai, polícia, etc.

**2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

Sim. Pois a sociedade cobra muito da escola e principalmente do professor.

**3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Por que não tive muitas opções.

**4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

O curso de formação docente faz com que o educador fique por dentro de tudo o que acontece na educação; contribuindo na qualidade do ensino dando subsídios para que o educador melhore os seus conhecimentos.

**5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

Violência (disciplina) na escola.

**6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Sim. Porque com a pesquisa se fica sabendo qual a angústia dos educadores. Sim muito vivenciada.

**Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma? Sala multisseriada**  
**Tempo de serviço: 11 meses**

## **PROFESSOR 6**

### **1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

Ser professor nos dias de hoje, é ser pai, mãe, tios, avós, e professor juntos.

### **2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

O docente depara com muitas dificuldades na prática profissional, estas dificuldades podemos encontrar na família, aluno no próprio sistema de educação.

### **3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Eu escolhi esta profissão porque acredito que um país só cresce com educação.

### **4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

A minha opinião é que aprendi e cresci muito em todos os aspectos de forma geral.

### **5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

No momento não posso detectar um desafio, só vamos ter certeza de um desafio no decorrer do novo milênio (serão muitos e variados).

### **6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Sim. Muito importante. Porque é através da pesquisa que você aprende a dar a sua opinião. O que mais vivenciei na minha formação.

**Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma? Educação Física-**  
**Tempo de serviço: 17 anos**

## **PROFESSOR 7**

### **1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

Ser professor nos dias atuais requer muita disponibilidade, paciência, amor, compreensão, responsabilidade, pois o nosso papel não é só ensinar e sim também educar, papel esse que poderia ser da família, mas infelizmente isso as vezes não acontece. O professor tem que atualizar sempre, para poder acompanhar as novas mudanças na educação, só assim poderemos futuramente preparar indivíduos com desenvolvimento e crescimento para assumirem papéis perante a sociedade tanto pessoal como profissional.

### **2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

A falta de compromisso do aluno, a falta de assistência da família, a falta do sistema que esta sempre em mudanças e não prepara com curso de capacitação, não valoriza, e a remuneração é muito pouca sem dar condições ao profissional de trabalharem com mais disposição.

### **3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Porque apesar dos obstáculos enfrentados na profissão, sempre adorei trabalhar com crianças e me sinto realizada e útil no que faço.

### **4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

Foi de muito proveito, pois contribui para a minha realização profissional, me dando mais suporte no meu trabalho, inovando os meus conhecimentos e aperfeiçoando o meu desenvolvimento nas atividades que realizo no dia-a-dia.

### **5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

Formar e conscientizar jovens, para se sair bem futuramente, sabendo ele reivindicar seus direitos de forma honesta.

### **6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Sim. Para obter novos conhecimentos. Sim e foi de grande proveito, pois me sugeriu novas idéias para trabalhar.

**Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma? 1ª Série**  
**Tempo de serviço: 25 anos**

## **PROFESSOR 8**

### **1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

Ser professor nos dias atuais não é tarefa fácil. É preciso muito amor, dedicação e compromisso para driblar os obstáculos que deparamos no dia-a-dia.

### **2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

Primeiramente a desvalorização do profissional com “baixos salários”; salas superlotadas, onde o professor precisa atender as diferenças individuais e os vários ritmos de aprendizagem; e alunos indisciplinados oriundos de famílias desestruturadas.

### **3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Na verdade não foi uma escolha foi uma oportunidade. Mas aprendi a gostar e sou realizada profissionalmente. “Amo alfabetizar crianças”.

### **4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

É um ótimo curso. Da oportunidade a pessoa de adquirir um embasamento teórico a sua prática. Também proporciona uma reflexão, onde você pode confrontar o que você aprendeu com sua prática pedagógica e conseqüentemente melhora-la.

### **5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

Acompanhar todas as mudanças que ocorrem no mundo, toda a evolução e conseqüentemente poder atender os anseios as expectativas e necessidades dos alunos com uma prática pedagógica criativa, inovadora coerente com estas mudanças.

### **6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Sim. É um momento de você pesquisar algum tema que lhe interessa e que venha contribuir para o seu aparecimento pessoal e profissional.

**Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma? 3ª Série**  
**Tempo de serviço: 27 anos**

## **PROFESSOR 9**

### **1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

Muito complicado. Hoje somos obrigados a assumir múltiplas responsabilidades que antes não era só da escola. Tudo que fracassa mandam para escola como se fossemos salvador da pátria.

### **2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

A diversidade em classes, leis, decretos, dos nossos governantes com atitudes insanas que avaliam a educação através de números para receber verbas, que nunca chegam para a educação.

### **3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Realmente por gostar. Infelizmente, hoje nem tanto.

### **4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

Em muito. Principalmente em relação a pesquisa e estudos. Somos acomodados por natureza. O curso é como um alerta: "O mundo mudou. Você também tem que mudar, acompanhar."

### **5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

Atender de forma diversificada as necessidades da era contemporânea da informação e saber utilizá-la.

### **6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Importantíssima. Porque somente através das pesquisas é que encontramos novos caminhos. Por falta de tempo a pesquisa foi muito pouco vivenciada em minha formação. Mas, vou reverter o quadro. Pesquisarei agora.

**Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma? 1ª Série**  
**Tempo de serviço: 14 anos**

### **PROFESSOR 10**

**1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

Buscar sempre a melhor forma de trabalhar, incentivando o aluno a criar, memorizar, despertando o interesse e a vontade de aprender.

**2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

Falta de interesse, indisciplina.

**3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Quando terminei o magistério não tinha opção, comecei a trabalhar e aprendi a gostar e estou até hoje.

**4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

O curso está sendo muito bom, deu-me oportunidade de construir e ampliar o meu conhecimento.

**5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

Formar cidadão crítico e participativo.

**6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Sim. Pesquisando e aprendendo cada vez mais. Sim. E como.

**Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma? 1ª Série**  
**Tempo de serviço: 1 ano**

## **PROFESSOR 11**

### **1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

É buscar sempre a melhor forma de trabalhar, dinâmicas, criativas, várias formas para que o aluno possa se interessar, ser curioso participativo, interativo, se sair um intelecto.

### **2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

Falta de material didático, infrequência, desinteresse, ausência da família para com o seu convívio para uma boa aprendizagem e desentendimento com a mesma.

### **3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

É interessante, prestativo, a gente ensina muito, mas também aprende muito, é muito interessante para nós quando entramos numa sala com aqueles alunos tão inocentes e com força de vontade de aprender, e sair de lá feliz por ter conseguido vencer a batalha, ter aprendido.

### **4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

É uma forma muito boa de estar trabalhando com o aluno seu estímulo intelectual, profissional. Está contribuindo para a melhoria da qualidade do trabalho, pois é qualitativo, criativo e interessante.

### **5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

Novas tecnologias e seu avanço tecnológico.

### **6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Sim. Aprendi muito como relacionar não só com o mundo de hoje, mas com alunos, sala de aula, escola. Tive várias buscas, interesses expectativas.

**Você já exerce a profissão docente: (X) Sim ( ) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma? EJA**  
**Tempo de serviço: 12 anos**

## **PROFESSOR 12**

### **1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

É educar com responsabilidade e ter uma boa formação para somar com a sua experiência e está sempre se atualizando.

### **2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

Sim. Salas cheias, falta de capacitação.

### **3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Sempre quis ser professora. É uma profissão gratificante cada aluno que educamos é uma história de vida, é um ato bom que não se explica.

### **4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

Sim, tem contribuído muito. É maravilhoso quando coloco em prática toda teoria que aprendi no curso, ver que está dando certo e poder passar tudo isso para outras pessoas, trocar experiências.

### **5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

Está preparado para enfrentar o sistema educacional, as leis, os alunos de hoje.

### **6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Sim. Porque tudo que buscamos há grandes descobertas, é uma forma de conhecer mais e de repensar.

**Você já exerce a profissão docente: ( ) Sim (X) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma?**  
**Tempo de serviço: 0**

### **PROFESSOR 13**

**1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

É ser artista, ser comprometido com a educação.

**2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

Sim, principalmente pela falta de recursos.

**3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Não escolhi, me escolheram.

**4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

Ótimo, infelizmente ainda não.

**5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

Educar, essa sociedade injusta e mal educada.

**6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Sim. Ela é de suma importância para a nossa vida enquanto educadora. Não foi vivenciada.

**Você já exerce a profissão docente: ( ) Sim (X) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma?**  
**Tempo de serviço: 0**

#### **PROFESSOR 14**

**1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

Jogo de cintura, e gostar do que faz para estar a altura de tecnologia e dar aula de qualidade.

**2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

Sim, muitos não conseguem ter domínio de sala, acaba o professor não dando aula, e aluno não aprende.

**3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Por que gosto e pretendo atuar nessa área.

**4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

Acho importante, pois só assim o professor pode-se qualificar e inovar seus métodos de trabalho, adquire mais experiência.

**5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

Acompanhar o avanço tecnológico, pois os alunos estão informatizados e eufóricos em sugar informações que o professor acaba não sabendo, então o professor precisa saber driblar o aluno, para responder depois que pesquisar sobre o assunto.

**6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Sim, porque só assim eles tem acesso sobre o conhecimento do profissional. Sim.

**Você já exerce a profissão docente: ( ) Sim (X) Não**  
**Em caso afirmativo, qual turma?**  
**Tempo de serviço: 0**

## **PROFESSOR 15**

**1. Para você o que é "ser professor" nos dias de hoje?**

Transmissor de conhecimentos

**2. Na sua opinião, o docente depara-se com dificuldades na sua prática profissional? Justifique.**

Sim a falta de disciplina é uma das grandes dificuldades do professor.

**3. Por que você escolheu ser professor (a)?**

Foi a única opção que tive, ou seja, estou tendo.

**4. Qual sua opinião sobre o curso de formação docente? Ele contribui para a qualidade do seu trabalho? De que forma?**

O curso de formação docente favorece na construção do conhecimento dos professores, contribuindo na qualidade do trabalho transmitindo meios de melhorar o ensino hoje.

**5. Qual o maior desafio para o educador do novo milênio?**

Desvalorização financeira.

**6. Você considera importante a pesquisa na formação docente? Por quê? Ela foi vivenciada por você no decorrer de sua formação?**

Sim. Porque com a pesquisa ficamos sabendo os anseios dos professores. Ela foi muito vivenciada no meu curso.